

NOCONTOR

*Andrea V Zanella*

*Juliana Hoffmann*

ONTORNOC

*Lucas Reitz*

*Luciana Petrelli*

ORNOCONT

*Lucy Montardo*

*Maíra Spanghero*

OCONTORN

*Olinda Evangelista*

*Ruchita*

NTORNOC

*Sandra Meyer*

*Sandro Clemes*

RNOCONTO

*Simone Bobsin*

*Vera Torres*

CONTORNOC

ITORNOC

*Org. Kamilla Nunes*

NOCONTOR

ONTORNOC

# CONTORNO

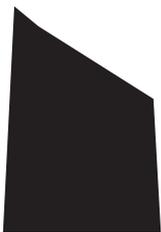
CAIS

Ilha de Santa Catarina  
2022

Andrea V Zanella  
Juliana Hoffmann  
Lucas Reitz  
Luciana Petrelli  
Lucy Montardo  
Maíra Spanghero  
Olinda Evangelista  
Ruchita  
Sandra Meyer  
Sandro Cledes  
Simone Bobsin  
Vera Torres

Org. Kamilla Nunes

**p. 146**



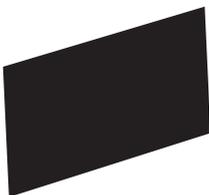
**Andrea V Zanella**  
Lama

**p. 134**



**Luciana Petrelli**  
Os sons da terra atravessam  
corpos e criam canções

**p. 122**



**Ruchita**  
Excertos / Excessos  
Se sentia com ânimo de  
sobreviver ao esquecimento

**p. 58**



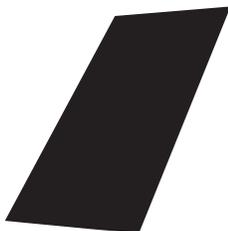
**Sandro Cledes**  
Sagrada Família  
[discursos domésticos]

**p. 102**



**Juliana Hoffmann**  
Movimento rítmico

**p. 80**



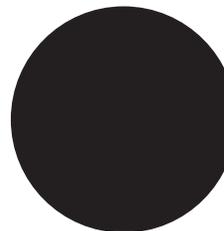
**Sandra Meyer**  
Dobre o tempo

**p. 22**



**Vera Torres**  
Coreografia de papel

**p. 92**



**Lucy Montardo**  
Encontrar (Cy)

**p. 10**



**Lucas Reitz**  
Notas para um  
atlas torporográfico

**p. 110**



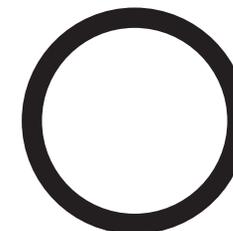
**Olinda Evangelista**  
Passarim, canta pra mim!

**p. 38**



**Maíra Spanghero**  
Rejunte

**p. 52**



**Simone Bobsin**  
[des] silêncio

# CONTORNO

Kamilla Nunes

Um das sugestões de busca que surgem quando digitamos “contorno” no Google é “diferença entre retorno e contorno”. Achei curioso que, juntas, essas palavras possuem um significado, uma dúvida comum a muita gente, mas separadas - “diferença”, “retorno” e “contorno” - dizem muito sobre o que vocês irão ver-ler-absorver no folhear destas páginas. Não há aqui um assunto comum, um grande guarda-chuva, no qual vamos “enfiando” coisas embaixo pra que façam sentido. Não, não optamos por esse caminho. Quando nos encontramos, já no primeiro dia, meu pedido foi pra que cada uma das pessoas que participaram do Grupo de Estudos em Processos Artísticos, Políticos e Curatoriais, no segundo semestre de 2021, trouxesse suas inquietações, seus problemas, suas pesquisas atuais, pra compartilhar com o grupo no intuito de criar debates que possibilitassem o desenvolvimento de uma publicação. Esse caminho tortuoso é também bem molhado, não há guarda-chuva que suporte a ventania.

Durante a preparação dos encontros, achei que seria importante falar sobre publicação de artistas, por isso, convidei três pessoas atuantes no mercado editorial pra colaborar com o debate, a Gabi Bresola, a Regina Melim e o Pedro Franz, que falaram de suas produções e contribuíram com a elaboração deste livro.

Ao longo do semestre, nos deparamos com problemas de ordens diversas e resolvemos criar um “Grupo de Desorientação”, uma espécie de suporte pra quem precisava conversar sobre seus processos de criação e edição. Seguimos assim nosso caminho, contornando muitos assuntos e tentando compreender como eles poderiam coexistir; contornando problemas técnicos e subjetivos; contornando mesmo nossas existências, porque somos, e aqui entra uma das palavras-chaves do Google, diferentes, muito diferentes mesmo.

Assim, descobrimos que esse contorno contorna nosso interesse pela arte, pelo modo como podemos construir espaços nunca antes habitados, tornando-os lugares ocupados por afetos. E nessa divagação pela escrita e pela memória, me lembrei do Marcelo Fialho falando, em um dos nossos encontros, sobre os afetos alegres e tristes, e em como eles podem aumentar ou diminuir nossa capacidade de agir - algo que podemos ver com profundidade em Espinosa - e isso me faz acreditar que CONTORNO pode, sim, aumentar nossa potência de sentir, porque há aqui afecções de muitos corpos.

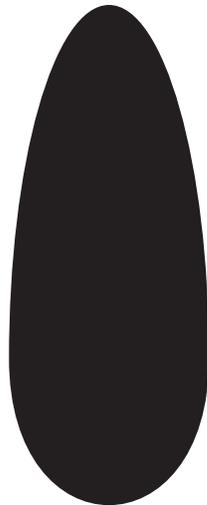
Tem algo, ainda, que percebi e que vocês irão ver se folhearem rapidamente este livro (rápido mesmo, produzindo vento): o marrom como cor predominante. Não foi algo acordado, aconteceu. Não foi combinado, mas nós também não combinamos de viver num Brasil enterrado na lama pela falta de políticas públicas. Durante o período em que estes trabalhos foram feitos, vivemos o rompimento da barragem da Lagoa da Conceição, o segundo ano da pandemia, o desgaste físico e emocional, o medo. Mas o marrom, que é a cor da terra, pode aqui significar respiro, um susto de esperança, um renascer.

Me despeço pra que vocês possam seguir essa caminhada, virando naquele retorno, à esquerda, logo ali na frente.

**g.e.**

grupo de estudos  
em processos artísticos,  
políticos e curatoriais

Iniciado em 2018, o G.E. foi criado para o compartilhamento de práticas artísticas, políticas e curatoriais, produzidas entre os anos 1960 e os dias atuais. São estudados artistas das mais variadas latitudes e que lidam com variadas linguagens. Os encontros são realizados a partir de conversas polifônicas, com abordagens teóricas, críticas e poéticas, de obras/artistas que são imprescindíveis para a construção de uma história da arte no Brasil. O grupo é aberto, diverso e dinâmico, por isso, sua configuração muda a cada módulo. Em 2019, realizamos a exposição coletiva "Toda paixão beira o caos, a do colecionador beira o caos da memória", no Memorial Meyer Filho e, em 2020, a exposição virtual "AGORA" [<https://kamillanunes.com/agora>]

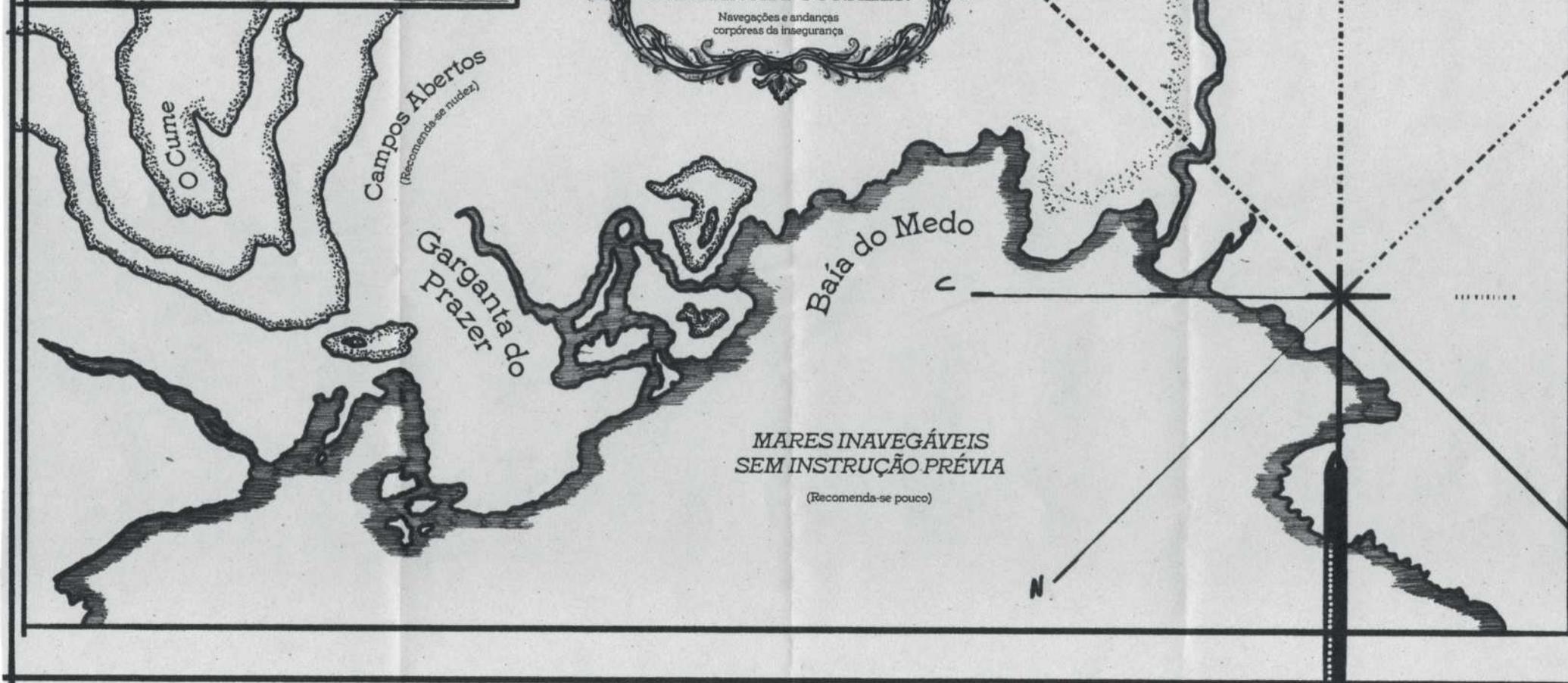


Tor.por.gra.fi.a(s) **s. 1.** As torporgrafias são aqueles vales, montanhas, rios e desfiladeiros de desafeto e arrepio que compõem a geografia insólita de nossos corpos. Inscrevem-se como desenho, penetrando na fina pele que separa carne, ética e alma para corromper frágeis tecidos intersticiais **2.** As torporgrafias são, sobretudo, marcas. O ferro famigerado que o outro, os outros, inserem na nossa carapaça a fim de denominar, nominar, dominar. Como muito do que vem desse outro perverso, transitam entre o inevitavelmente sedutor e o saborosamente culposos. Instalam-se no âmago secreto e a fazem públicas **3.** As torporgrafias são fragmentárias, mnemônicas, pérfidas e sem sentido aparente. Destroem a libido, te deixam no chão, carregam seus entes, seus atos e membros. Grudam no meu e no teu corpo como caneta solúvel em balde de água sanitária. Destroem-nos e, por isso mesmo, nos moldam, nos fazem ser **4.** As torporgrafias cartografam os corpos através de ações traumáticas que pouco conseguem transformar-se, redirecionar-se. Seu nexos sutil é o do mapa colonizador que usa da dor e do saber como ferramentas de desenho da tua geografia **5.** As torporgrafias são eficientes porque inexistem.

Descrição oral e detalhada da faz dos eventos e topografias ocorridas entre os meses de frio e florescimento nas explorações de profundidade e invasão inadequada da Garganta do Prazer e a das navegações ocorridas nas águas constantes da Baía do Medo. Para me encontrar, siga o caminho tortuoso da depressão que se forma entre os campos abertos e O Cume. Suba até a cota mais alta para vislumbrar a nudez de meu território. Te deixo aqui um punhado de instruções, terras e sabedorias sobre os cantos do corpo que devem ser tocados.

# BAÍA DO MEDO & GARGANTA DO PRAZER

Navegações e andanças corpóreas da insegurança



MARES INAVEGÁVEIS SEM INSTRUÇÃO PRÉVIA  
(Recomenda-se pouco)



Água 99,1g%

Sólidos 900 mg%

A) Substâncias inorgânicas

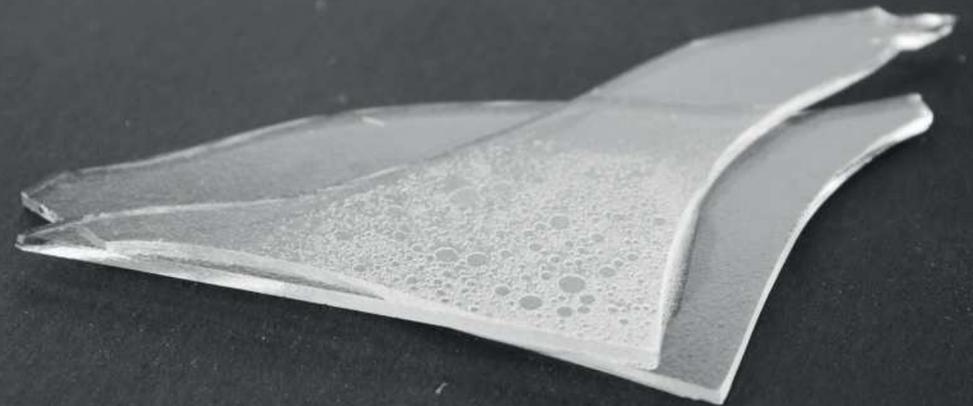
1. Cl<sup>-</sup> 80 mg%
2. H<sub>2</sub>PO<sub>4</sub><sup>-</sup> 25 mg%
3. HPO<sub>4</sub><sup>--4</sup> 15 mg%
4. HCO<sub>3</sub><sup>-</sup> (CO<sub>2</sub>) 10 mg%
5. SO<sub>4</sub><sup>--4</sup> 10 mg%
6. S<sup>--</sup> 6mg%
7. F<sup>-</sup> 0,02 mg%
8. Outros: 0,89 mg%

Cátions 350 mg%

1. Na<sup>+</sup> 160 mg%
2. K<sup>+</sup> 170 mg%
3. Ca<sup>++</sup> 4 a 10 mg%
4. NH<sub>4</sub><sup>+</sup> 10 mg%
5. Mg<sup>++</sup> 0,5 mg%

B) Substâncias orgânicas

1. Mucina 300 mg%
2. Amilase (ptialina) 40 mg%
3. Ureia 20 mg%
4. Lisozima 10 mg%
5. Anidrase carbônica (ac) 10 mg%
6. Tiocianato (SCN<sup>-</sup>) 10 mg%
7. Glicose 1 mg%
8. Outras: 9 mg%
- a) Enzimas microbianas
- b) Componentes sanguíneos
- c) Produtos de excreção
- d) Produtos da atividade microbiana





Foi só um olhar pra te deixar tremendo. Um misto de tesão e medo que consumiu da tua pele à tua pelve e foi subindo para o estômago virando refluxo. Tu não sabias se como ele te olhava e te queria penetrar, invadir, sussurrar no teu ouvido ou te fazer carinho e fazer aquilo que te deixa molhar era teu desejo ou desejo dele.

Estava tudo claro sob a luz de neon fluorescente da Polônia e tu não sabia se quando tu contasse iam dizer que é só história. Será que te violaram sem nem te tocar ou no impulso de imprimir sobre o teu corpo algo que era dele, ele deixou mais o gosto de vodka no teu ouvido ou o sentimento de que te violaram?

Eu fico me perguntando se o que aconteceu sob a luz neon do inverno polonês era o que não está no outro, era o que que estava em mim. A minha repulsa de me deixar molhar quando eu sentia o bafo de vodka no ouvido, querendo fugir dele e fugir de mim mesmo.

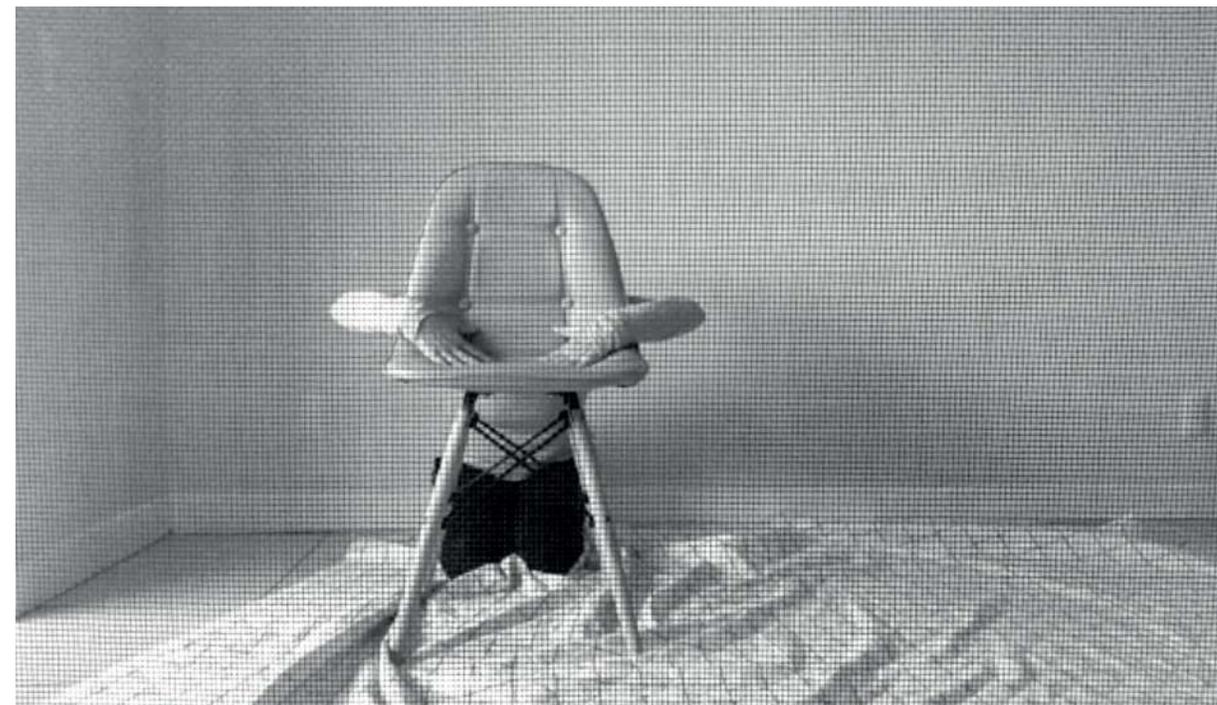
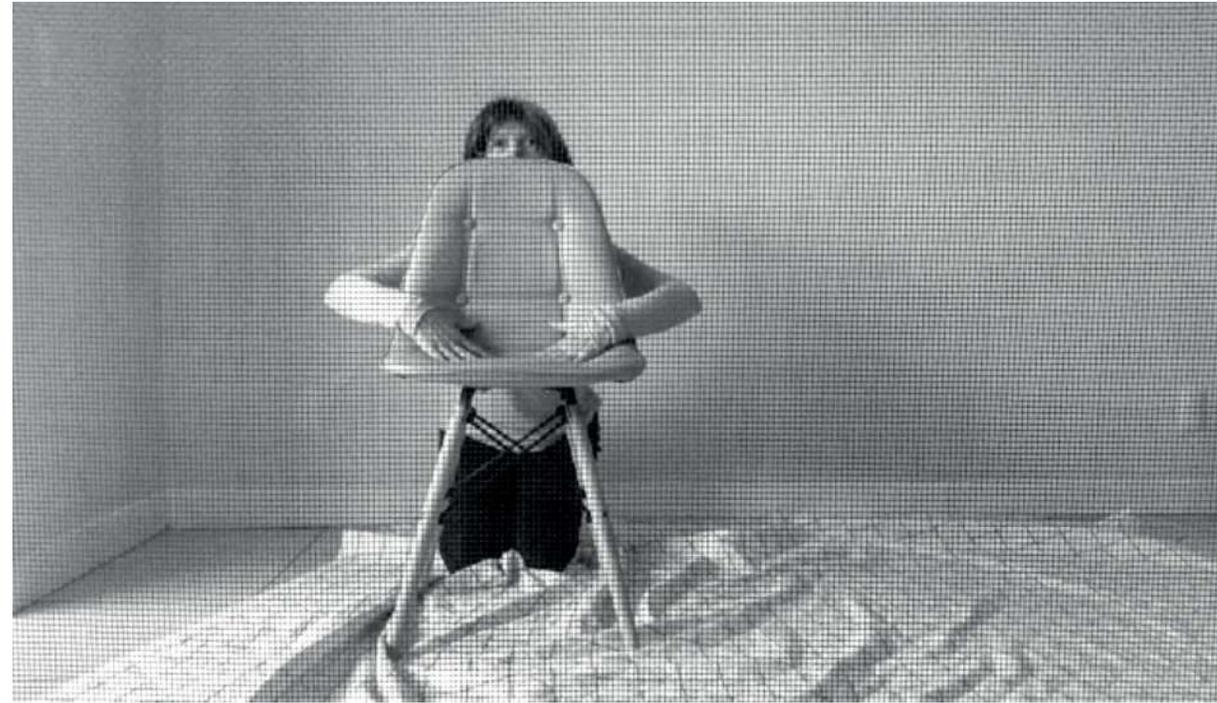
Eu fujo da Polônia, fujo de Berlim, Espanha, Florianópolis e de mim mesmo pra descobrir que o que tentava me tocar era o que me perseguiu no escuro todos esses anos. A não possibilidade de ser aquele mesmo que tenho toda a vontade de ser, de me deixar molhar. Quando foi só um olhar, já era tarde demais.

Te violaram sem te tocar.

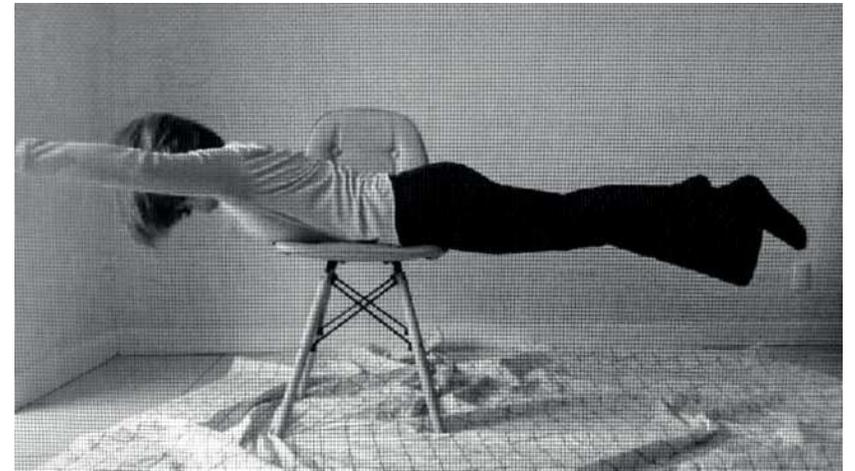
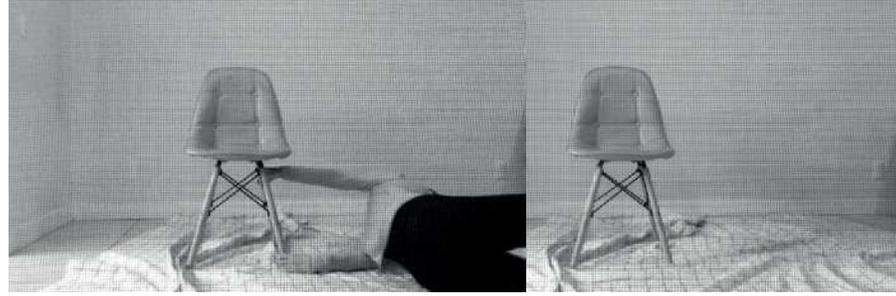
Te torporgrafaram.

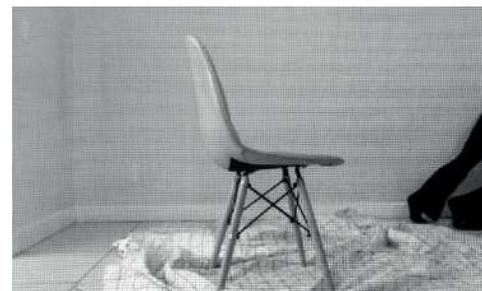


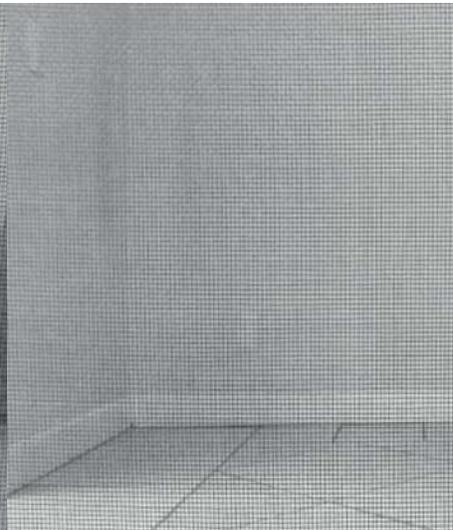
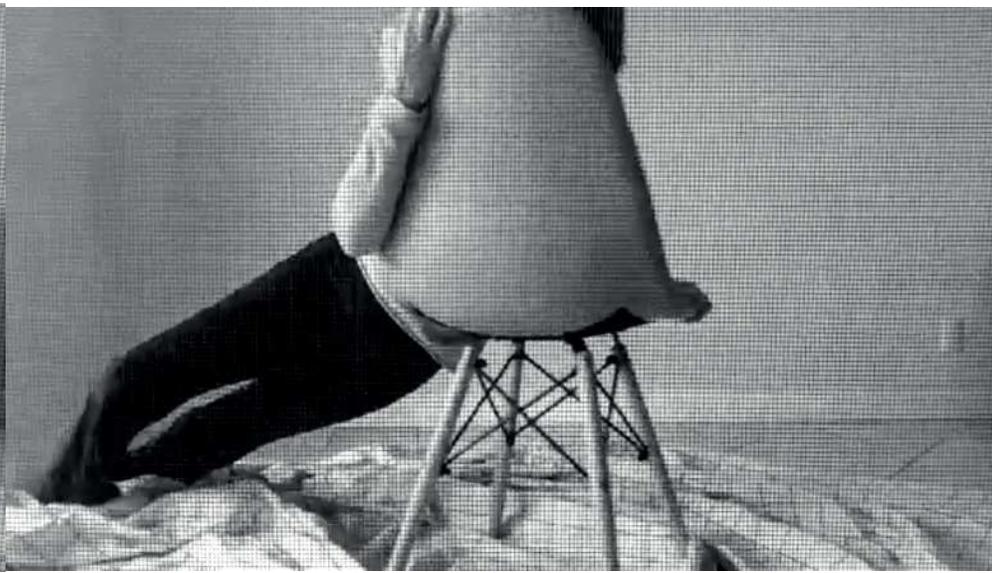








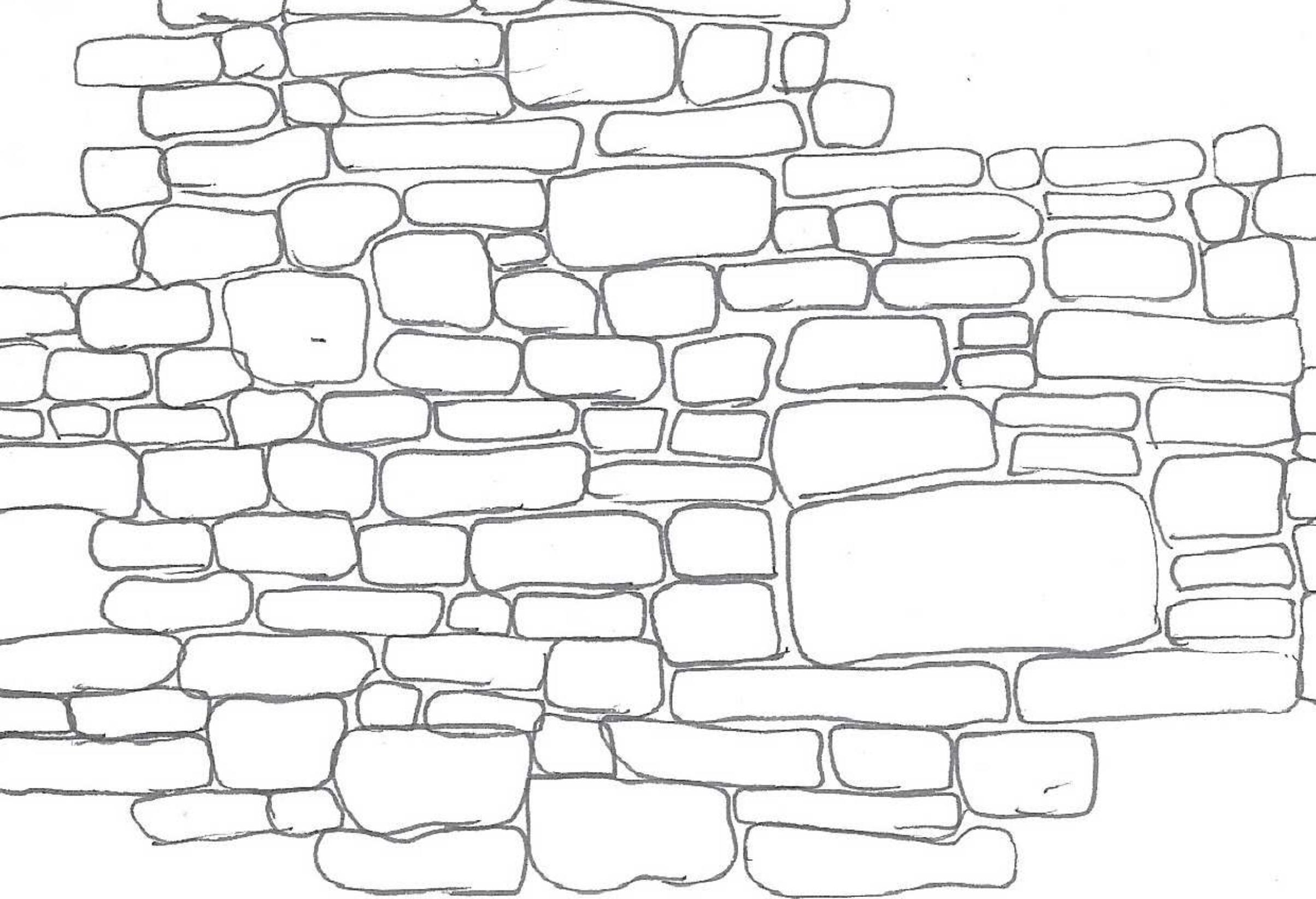




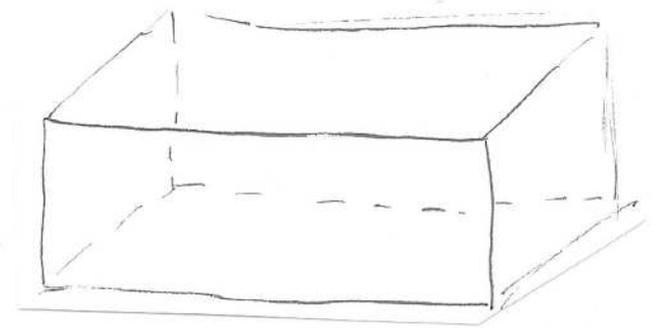




Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.



Esta é a história de uma professora que engoliu um paralelepípedo.



Aconteceu em uma Capitania distante, num tempo de grandes insatisfações.

Aparentemente isolada do resto do mundo, esta Capitania era comandada por uma Coronela muito poderosa e temida, mais conhecida como Czarina, A Malvadeza. Era tão parruda e fria que vinha se mantendo no poder há décadas. Poucos a contrariavam. Ou melhor, nem todos. Ela negava veementemente a má fama, se afirmando uma legítima democrata revolucionária, mas estava na cara que se tratava de uma governança hereditária e vitalícia. Acima da Coronela, só o Rei Tór. Abaixo e em torno dela, uma manada, uma corja ou súcia, como preferir.

A Capitania se organizava como uma instituição, dividida em egrégoras, assembleias, cargos, funções, exercícios, reuniões, projetos e, obviamente, em podres e pequenos poderes, distribuídos e disputados a unhas, tapas e dentes. A hierarquia funcionava em castas: a linha de frente era formada por Capitãs da Mata, logo em seguida vinham as Operárias/os Padrões e, por fim, mas não menos importantes, estavam Soldadinhos de todos os níveis. Infiltrados à paisana por todos os corredores e cantos, viviam dia e

noite a serviço da Capitania e sua mandatária, usados para disseminar maledicências, fake news, mentiras e fofocas.

O que ninguém esperava era que, com o passar dos anos e dos desmandes, o clima fosse ficando cada vez mais e mais tenso. O contingente de insatisfeitos veio aumentando, e as manobras, em sua maioria bolsas e gratificações ridículas, já não eram suficientes para aplacar os ânimos, especialmente dos Soldadinhos, que queriam mais e mais poder. De repente, em uma Assembleia, surgiram as palavras-chave: Liberté, Egolité, Beyoncé! – que logo se transformaram em palavras de ordem.

LIBERTÉ! EGOLITÉ! BEYONCÉ!

LIBERTÉ! EGOLITÉ! BEYONCÉ!

LIBERTÉ! EGOLITÉ! BEYONCÉ!

LIBERTÉ! EGOLITÉ! BEYONCÉ!

Cuspidas em cortejos e comitês passaram a contaminar toda a Capitania. O engajamento foi crescendo, e o bordão passou a ser reproduzido e visualizado em fotos, cartazes, textos, mensagens, jornais, áudios e vídeos. Quem dis-

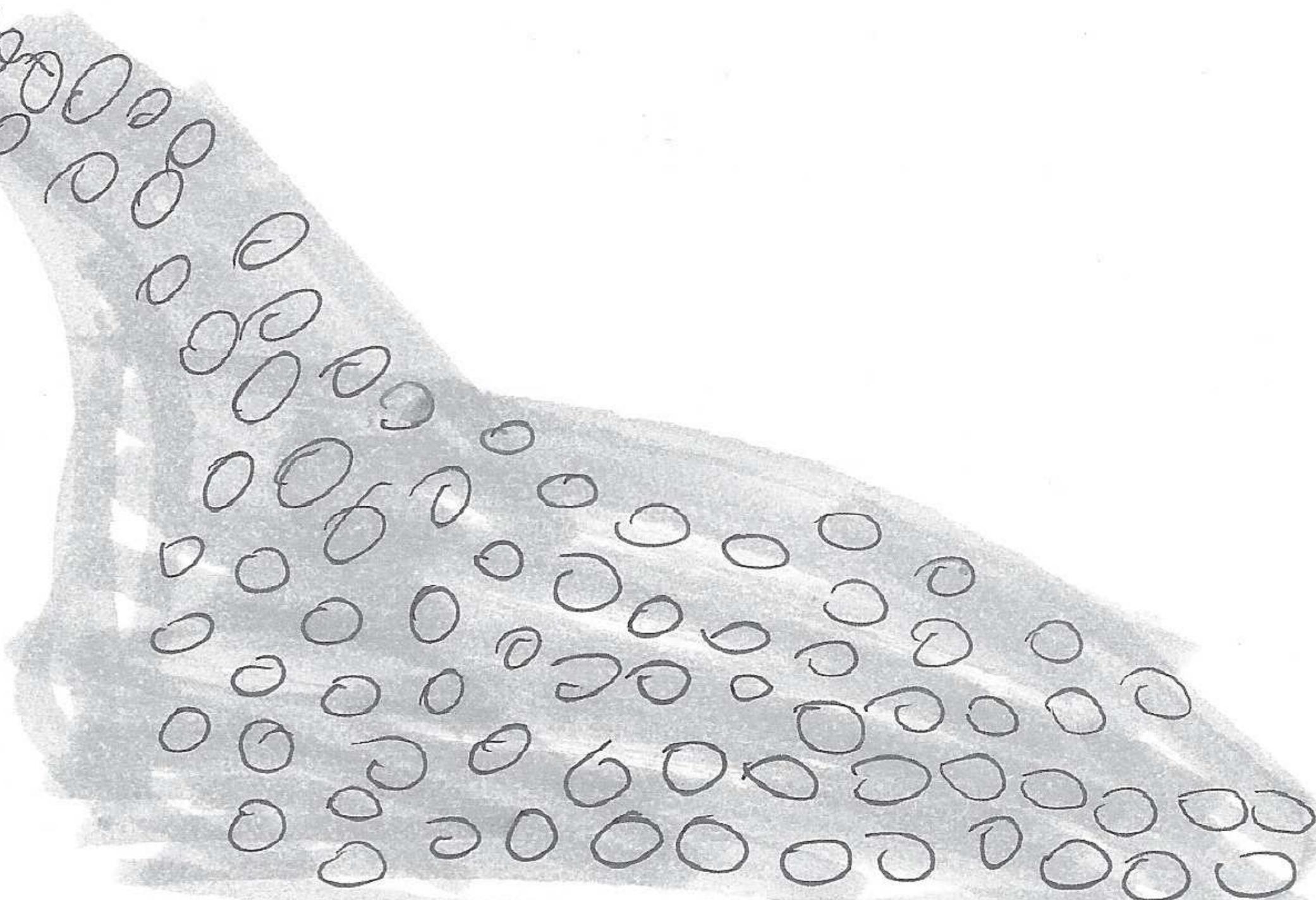
cordasse era considerado inimigo da Coronela Malvadeza. Críticas jamais eram bem recebidas. E, o pior, era a primeira vez que alguém tinha a ousadia de lhe contrariar de uma forma tão audaciosa, deixando a déspota esclarecida nua sob acusação, imagine, de prevaricação!

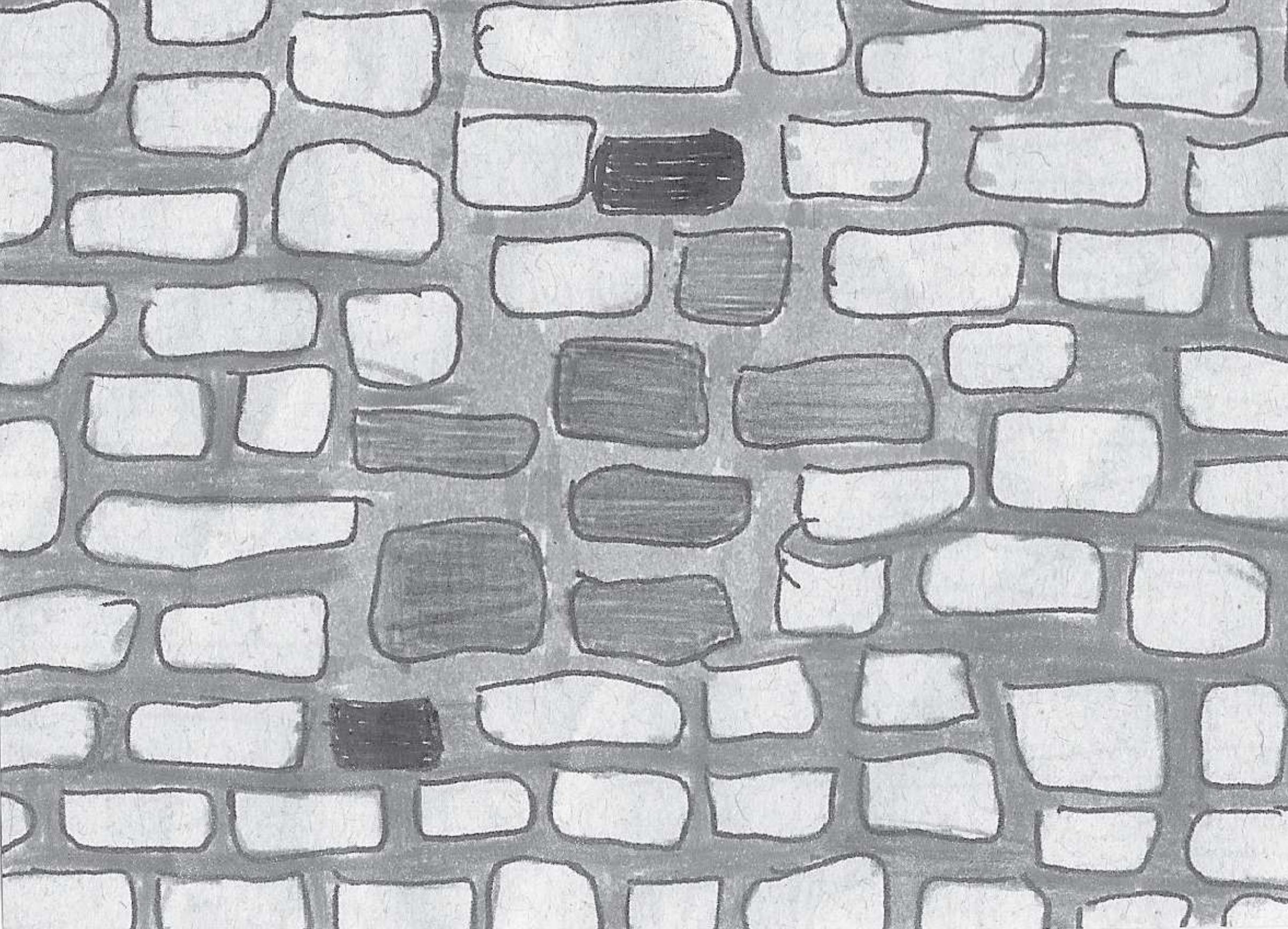
Percebendo que o quadro estava cada vez mais desfavorável e a situação cada vez mais insustentável, Malvadeza, para acalmar os ânimos, mandou chamar até sua Casa Grande, em caráter de urgência, tanto suas comparsas de plantão e carteirinha, quanto pediu ajuda para a Comissão da Peçonharia, composta especialmente pelas serpentes mais rastejantes e venenosas: jararacas, caninanas, najas, jiboias, cascavéis, corais, sururucucus, picos-de-jaca e mambas, sem esquecer de alguns cobras-macho. O objetivo era analisar todos os meandros, organizar o plano para, finalmente, decidir qual seria o veridicto final. Ou seja, a verdadeira verdade a ser disseminada (ainda que fosse deslavada) e, principalmente, quem seria a insubmissa a ser escalada para o sacrifício. A candidata escolhida recaiu sobre o boi de piranha que tinha vindo de fora da Capitania: nada melhor que uma forasteira, o melhor escudo, o melhor bode expiatório! Perfeito!

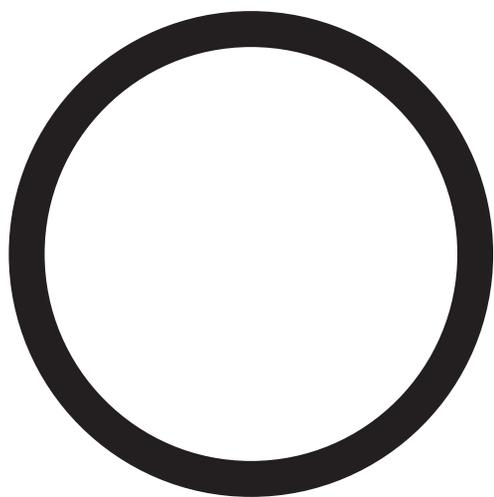
E assim foi feito o golpe.

O que ninguém esperava é que a forasteira fosse absolvida e inocentada em todas as instâncias, sendo que, a mais aterrorizante delas, nem chegou a aceitar a mentira-crime. Quando, enfim, a tão esperada verdade apareceu, pasmem! ninguém estava interessada nela. Como a forasteira já tinha sido julgada, condenada e punida desde o início, nenhuma diferença fez. Já estava feito. As multidões fascistas, seja a lateralidade que for, não estão absolutamente interessadas em verdades. Basta encontrar alguém, susceptível o suficiente, e começar o apedrejamento. E a mesma ladainha se repete, sem nenhuma graça. Como disse, certa feita, um antigo conselheiro dos tempos imemoriais, Karl Marx, “a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”.















## Sagrada Família

| discursos domésticos |

**Prefiro ter uma filha puta a um filho viado**

| o pai |

**Gosto de todos vocês indistintamente**

| a mãe para os filhos |

**A tia deveria levar uma surra todo dia**

| o sobrinho sobre a tia que sofria agressões do marido |

**Melhor apanhar de um  
do que apanhar de quatro**

| a sobrinha para a tia, sobre o marido violento e os três filhos |

**Nós nunca fomos amigas**

| a mãe para a filha |

**Ela me chamou de sem-vergonha,  
ela me disse tudo o que quis**

| a mãe sobre a filha |

**Eu saía de carro, desesperada  
pela estrada atrás de dinheiro**

| a mulher endividada |

**Já me humilhei muito  
pra chegar onde cheguei, mãe**

| o filho rico para a mãe endividada |

**Vocês acham bonito a Roberta Close?**

| o pai para os filhos gêmeos |

**Não sei e nem quero saber  
quem é essa merda**

| o pai, sobre se conhecia um ator gay que morreu |

**Eu não quero mais ser um fardo  
na vida de vocês**

| o filho, em carta suicida aos pais |

**E agora quem vai cuidar de mim?**

| o pai, ao saber que a filha estava gravemente doente |

Sou um homem normal:  
altura normal, peso normal, cara normal

| o homem |

Ele sempre gostou de preta,  
nunca se valorizou

| o pai sobre o filho |

**Ela é a minha alegria**

| a irmã para o irmão, sobre a cadelinha de estimação |

**Sua cadela, tu sempre pagaste homem  
pra dormir contigo**

| o cunhado para a cunhada |

**Tu pra mim não vales nada**

| o marido para a mulher |

**Sou uma empregada sem remuneração**

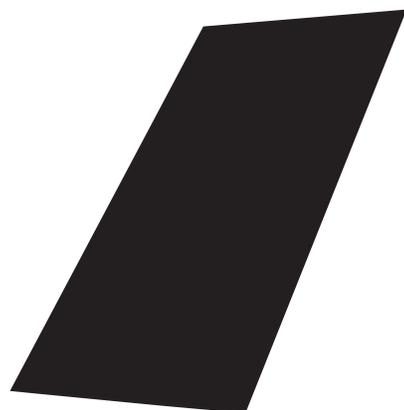
| a mulher para o marido e a filha |

A raiva passa, mas as palavras ficam

| o irmão para a irmã |

A raiva não passa

| a irmã para o irmão |



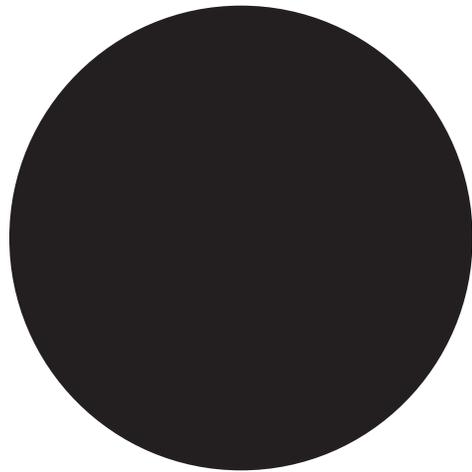












Cy buscou em seus estudos  
entender-Cy  
Cy fez Ciências Sociais  
os olhos lacrimejavam quando alguém contava suas  
vivências entre  
povos indígenas  
Cy virou arqueóloga  
Nestes anos  
Cy sentia  
que ao escavar  
Cy realizava um  
mergulho interno  
que evidenciava suavemente  
camadas e camadas  
Muita história silenciada

## Uma visão

Uma maloca enorme

Uma rede

Muitos seres

Um rio de águas negras e uma beira de rio,  
um barranco alto

Visão em várias dimensões

Guia de um caminho a ser trilhado

Uma volta para o futuro?

Sol. Kuaray.

Resplandecência do herói criador.

Pa'i Kuara.

Durante o dia, emite sonoridades e calor para que a vida na e da Terra aconteça. À noite, os humanos cantam, dançam e tocam seus chocalhos, num contínuo. Mbaraka.

Os atributos do Sol são ativados nos corpos, promovendo força, saúde, beleza e alegria. Imbarete, iporã ha hory.

Um pouco do que aprendi com os Kaiová.



Kunã Mbo'y Rendy, mulher colar resplandecente, foi o nome que recebi numa noite de ñemongarai, ritual de nominação guarani.

Por que tive essa honra? Como fui parar ali?

Experiências difíceis de colocar em palavras escritas. Já falei sobre, mas ainda não havia escrito.

Já havia iniciado minha pesquisa sobre música guarani, estava indo para São Paulo conversar com a, então, possível futura orientadora de doutorado. Passando o carnaval no Rio de Janeiro, no caminho, entre Florianópolis e SP, visitei meu tio mais jovem por parte de mãe, que estava lá fazendo seu pós-doutorado.

Foi ali, num apartamento em Copacabana, que ouvi a sua exclamação!!!!

Que interessante, você vai trabalhar com os Guaranis, você sabe que sua bisavó era indígena de aldeia? Ela se chamava Julia.

Foi um choque. Desde criança, meus traços faziam com que as pessoas me chamassem de japonesinha e eu sempre indaguei sobre isso. A imigração japonesa no Brasil era muito recente, não era compatível com a trajetória dos meus familiares. A explicação era uma ascendência indígena na família do meu pai. Meu avô, suas irmãs, e principalmente a mãe do meu avô tinham a fisionomia bem indígena. Não sabiam dizer mais do que isso, mas não negavam.

Já minha mãe nunca mencionou nada. Quando meu tio fez essa revelação, meus primos e eu colocamos as nossas mães contra a parede e elas permaneceram mudas, paralisadas, não falavam nada.

Difícil imaginar a dimensão do trauma.

Em algum lugar está o trauma.

Quando estava morando com os Guarani, no MS, e fui com eles para a cidade, senti o preconceito dos comerciantes. Lembrei de cena da minha infância, no armazém da esquina da casa dos meus avós maternos, em Bagé, me veio uma imagem muito clara de crianças nos sacos do armazém, perto da porta, e que o adulto que estava comigo, acho que meu avô, dizia alguma palavra desmerecedora daquelas crianças, como "bugres" ou algo assim. E eu não entendia aquilo. E de repente eu entendi, que aquelas crianças eram indígenas.

LUCY, BAGÉ

ARMAZÉM  
ESQUINA  
DA CASA  
DOS  
MEUS AVÓS

TIA  
A...  
...

ESSAS BARRAS!

ELES ERAM  
INDIANOS. ELAS  
SÃO SUJAS DE TERRA  
MAS A TERRA NÃO É SUJA! Pq.?

CAMARAS

PONTO CHIC

PO QUE  
YES UNICA  
FAZEM  
NADA!

PALCO

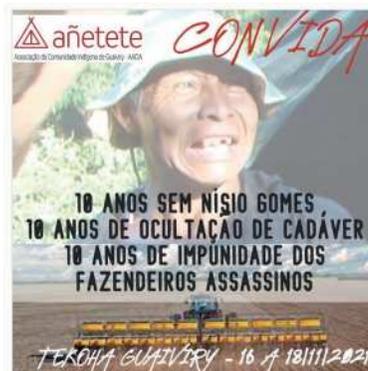
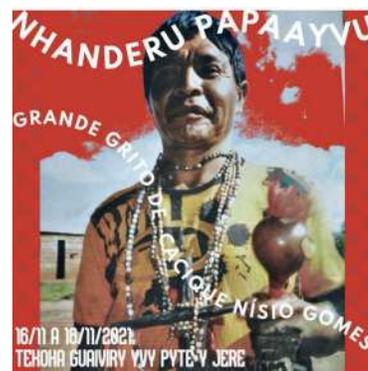
EU

QUE ESTO  
É ESTO

OS  
DE ARROS,  
OU FETOS,  
OU...?



Recebo no WhatsApp a divulgação do grande grito do Cacique Nísio Gomes. Dez anos de impunidade do seu assassinato e ocultação do corpo se completam em novembro de 2021. Liderança da Retomada do Tekoha Guaiviry Yvy Pyte'y Jere, Nísio foi morto por pistoleiros a mando de fazendeiros, na frente de seus familiares, e seu corpo foi levado na camionete. Até hoje o destino de seu corpo é por eles ignorado. Nísio foi meu anfitrião. Com sua companheira, Dona Odúlia Mendes, e família, me hospedou por vários períodos nos anos 2000 e 2001. Naquela época, eles viviam na Terra Indígena Amambai. Expulsos do seu território, aldeados numa superpopulosa reserva, de certa maneira estrangeiros. Numa temporada, na qual permaneci por mais tempo com eles, ao ir na cidade, passei uma noite no hotel e, ao assistir televisão, tive clara a percepção de como eles, os Guarani, apesar de serem uma população de cerca de 80 mil no Brasil (se contarmos os países vizinhos, esse número dobra), estão totalmente ausentes. Cem por cento ausentes na tela. E são considerados inimigos pelos comerciantes e por muitos dos demais moradores das cidades vizinhas. Animosidade que aumentou ainda mais nos últimos anos, com a posse deste que ocupa a presidência, inominável, que declarou, em palanque na região, que iria acabar com os indígenas.



Cy



### Movimento Rítmico

É vazio depois  
resultado de tudo aquilo seria a morte  
a última

Olhos, os objetos em torno eram visíveis  
Era curto e por conseguinte, lento  
pêndulo havia aumentado, chegando quase a uma  
a minha roupa  
Sempre para baixo  
no poço?

O movimento rítmico do não  
foram em vão. Senti afinal

nheida, meu mergulhar no misterio de alguma melodia que  
 jamais lhe chamara antes a atencao. E sobre a imagem do que  
 1851 Em meio de meus frequentes e profundos esforcos para  
 recordar em silencio de minha vida tenaz para apreender alguns  
 vestigios desse estado de vacuo aparente em que minha alma  
 havia mergulhado, houve de breves e breves instantes em que  
 julguei triunfar momentos fugidios em que cheguei a reunir  
 lembrancas que em passagens posteriores, meu raciocinio lucido,  
 me afirmava não poderem referir-se ao estado abesse estado em  
 que a consciencia parece banquillada. Essas sombras de lem-  
 brancas apresentavam-se distintamente, grandes figuras que me  
 carregavam, transporta domio, silenciosamente para baixo. O  
 para baixo e ainda mais para baixo até que uma vertigem  
 horrivel me nupmilla, e ante a idéa de que não tinha mais fim  
 a descida. Também me lembro de que despertava num vago  
 horror no meio do sono e me acordava de modo precisamente a qual-  
 quidade sobrenatural desse mesmo coração. Depois, o senti-  
 mento de uma súbita immobilidade em tudo o que me cercava  
 como se a queles que tentava barragava me (espantosa e comitiva de  
 houvessem o tempo passado) em sua descida os limites do illim-  
 tado de feito, uma pausa, e vencidos pelo cansaço de seus esforços  
 Depois disso lembro-me de uma sensação de monotonia e de  
 vuidade. Depois, tudo de *obscuro* e *obscuro* da *obscuro* da *memória*  
 que se agita entre coisas proibidas: *nil est ex oia sup. in iure*  
*metu* Súbito, voltamos a *in iure* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 o movimento tumultuoso do coração, e em meus olhos o  
 som das suas batidas e *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 é vazio. Depois, de novo, o mesmo movimento e *obscuro* *obscuro*  
 uma sensação vibrante que penetra em meu ser. Logo após,  
 a simples consciencia da minha existencia, sem pensamento  
 estado que durou muito tempo. Depois, de maneira extremas-  
 mente súbita, o pensamento em um tremulo terror e o esforço  
 enorme para compreender o meu verdadeiro estado. Logo  
 após, vivo desejo de mergulhar na insensibilidade. Depois,  
 um brusco renascer da alma e um esforço bem sucedido para  
 mover-me. Então, a lembrança completa do que acontecera  
 dos juizes, das taparias negras, da sentença da frequencia  
 do demão. Esquecimento completo de tudo o que acontecera  
 que somente mais tarde, graças aos mais breves esforços  
 consegui recordar vagamente. Até então, não abria ainda os olhos. Sentia que me  
 achava deitado de costas, sem que estivesse atado. Estendi a  
 mão e ela caiu pesadamente sobre algo úmido e duro. Não sei

o que o que me achava ali no quarto de um hotel em que me hospedava  
 visto a porta me achava ali no quarto de um hotel em que me hospedava  
 Acertados cálculos, e com a vontade de se estabelecer em tal estado,  
 com q. sempre se idonitlorar a *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 delmadiado horrelvali *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 num assassinio *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 fone *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 destino *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 ados *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 resultado de tudo aquilo seria a morte, e *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 amargura *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 execucao *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 espirito, *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 mo *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 sólido. *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 unffida *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 desconfiança *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 Não obstante, *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 de averiguar *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 dantes *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 mente *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 parecia *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 canivete *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 tribuna *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 sido *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 do *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 em *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 não *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 meus *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 peravel *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 que *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 parede *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 meu *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 pedaco *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 levava *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 fraqueza *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 del *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 grande *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 posição *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 um *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 um *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 a *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*  
 a *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro* *obscuro*

olx Percebi d'atantente a armadilha que me estava p...  
 e congratulei-me comigo mesmo pelo oportuno acide...  
 que fizera escapar de tal destino. Outro passo antes de minha  
 queda e do mundo jamais me veria de novo. Era morte de  
 que escapara por pouco era das que eu sempre considerara  
 como fabulosas e frivolas nas narrações que diziam respeito à  
 Inquisição. Parabas vítimas de sua tirania, havia acóscolha entre  
 an mórte com as suas angústias físicas imediatas e a morte  
 com os seus espantos e honores morais. Eu estava destinado  
 a esta última. Deu-me saos longos sofrimentos meus nepvos  
 estavam à flor da pe... a ponto de tremer ao som de minha  
 própria voz de modo que era sob todos os aspectos uma  
 vítima adequada para a espécie de tortura que me aguardava.

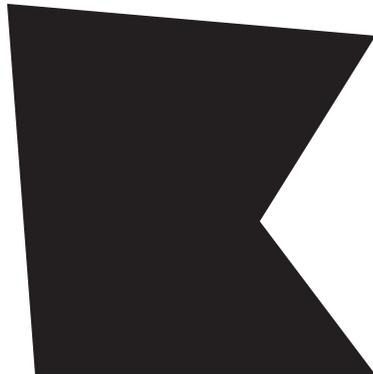
Tremendo dos pés à cabeça voltei às apalpadelas até  
 a parede, resolvido antes a ali perecer do que a arrostar os  
 terrores dos pocos, que a minha imaginação agora pintava  
 em vários lugares do calabouço. Em outras condições de espí-  
 rito, poderia ter tido a coragem de acabar de vez com a minha  
 miséria, mergulhando num daqueles pocos; mas eu era, então,  
 o maior dos covardes. Tampouco podia esquecer o que lera  
 a respeito daqueles pocos: que a súbita extinção da vida não  
 fazia parte dos planos de meus algozes.

A agitação em que se debatia o meu espirito fez com que  
 permanecesse desperto durante longas horas; contudo, acabei  
 por adormecer de novo. Ao acordar, encontrei ao meu lado,  
 como antes, um pão e um púcaro com água. Consumia-me  
 uma sede abrasadora, e vizei o recipiente de um sorvo. A  
 água devia conter alguma droga pois, mal acabara de beber,  
 tornei-me irresistivelmente violento. Invadiu-me profundo  
 sono — um sono como o da morte. Quanto aquilo durou,  
 não posso, certamente, dizer. Mas, quando tornei a abrir os  
 olhos, os objetos em tórno eram visíveis. Um forte claror  
 de enxofre, cuja origem não pude a principio determinar,  
 permitia-me ver a extensão de o aspecto da prisão.

Quanto ao seu tamanho, enganara-me grandemente. A  
 extensão das paredes, em toda a sua volta, não excedia de  
 vinte e cinco jardas. Durante alguns minutos, tal fato me  
 causou um mundo de preocupações inúteis. Inúteis, com efeito,  
 pois o que poderia ser menos importante, nas circunstâncias  
 em que me encontrava, do que as simples dimensões de minha  
 cela? Mas minha alma se interessava vivamente por coisas  
 insignificantes; e eu me empenhava em explicar a mim mesmo  
 o erro cometido em meus cálculos. Por fim, a verdade se me

da meus olhos, e a perplexidade já que o...  
 que desprato continha consisti de carne e vitasalg...  
 marlhava n'ei n'os olhos e n'os narizes e de o m'aba opinqã...  
 Aquava-se q' a uma altura de doze braças e q' a p'cedência  
 construção se assemelhava à das q'ares de laternis. Fie a n'ar rod  
 a atenção humilde suas flgmas e bas q'ares i'ogudar. Era a ob'q'up  
 do Tempo, q' a n'ar m'le e  
 lugar da f'oi q' se q' a n'ar m'le e  
 olha, n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 am' q' a n'ar m'le e  
 m'le e q' a n'ar m'le e  
 q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 pois q' a n'ar m'le e  
 t'iva Ma i' n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 depois, n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 era curto e, por conseguinte, lento. Observei q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 minutos, como se a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 espantoso. Cansado, pois, de m'le e q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 mento q' a n'ar m'le e  
 m'le e q' a n'ar m'le e  
 vi q' a n'ar m'le e  
 que f'oi a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 enquanto os olha, n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 s'ad' m'le e q' a n'ar m'le e  
 Top preciso m'le e q' a n'ar m'le e  
 afugena-los, n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 honore q' a n'ar m'le e  
 do up m'le e q' a n'ar m'le e  
 Ob' q' a n'ar m'le e  
 pêndulo havia aumentado m'le e q' a n'ar m'le e  
 Gonlo b' m'le e q' a n'ar m'le e  
 m'le e q' a n'ar m'le e  
 id'ia n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 co'ção — o t'oma do b' m'le e q' a n'ar m'le e  
 que n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 a n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 mento, de n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 cima é o t'oma inferior, n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 navalha. Também como uma navalha, n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 olat' g'ando-se, n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 a ela n'ar m'le e q' a n'ar m'le e  
 ao m'le e q' a n'ar m'le e





## Prece

Oh irmão pássaro, sertanejo. Ensina às gentes a plai-  
nar na imensidão dos céus. Fazer como tu: ver-se de  
cima, de fora. Saber que a vida severina, aqui embaixo,  
nem é destino, nem sina. É o levantar d'aurora de cada  
dia. A fome? Por quê, se existe comida farta? Fazendas,  
gados, cercados, indústrias... não é tudo fruto da mão  
calejada dos que trabalham? Diz-lhes, águia do sertão,  
da vastidão do mundo, pois que tu sabes que a vida é  
larga e abraça a terra e o horizonte infinito. Não é essa  
cumbuca emborcada em cima das gentes.

Epitácio Macário

**Olinda Evangelista** | Passarim, canta pra mim! | Bordados, textos e música | 2021.

*Bordado Carcará: Fome, Bordado livre, 2021.*

*Bordado Estrada do Sertão: Desfeita, Bordado livre, 2021.*

*Bordado Roendo Unha: Abandonado, Bordado livre, 2021.*

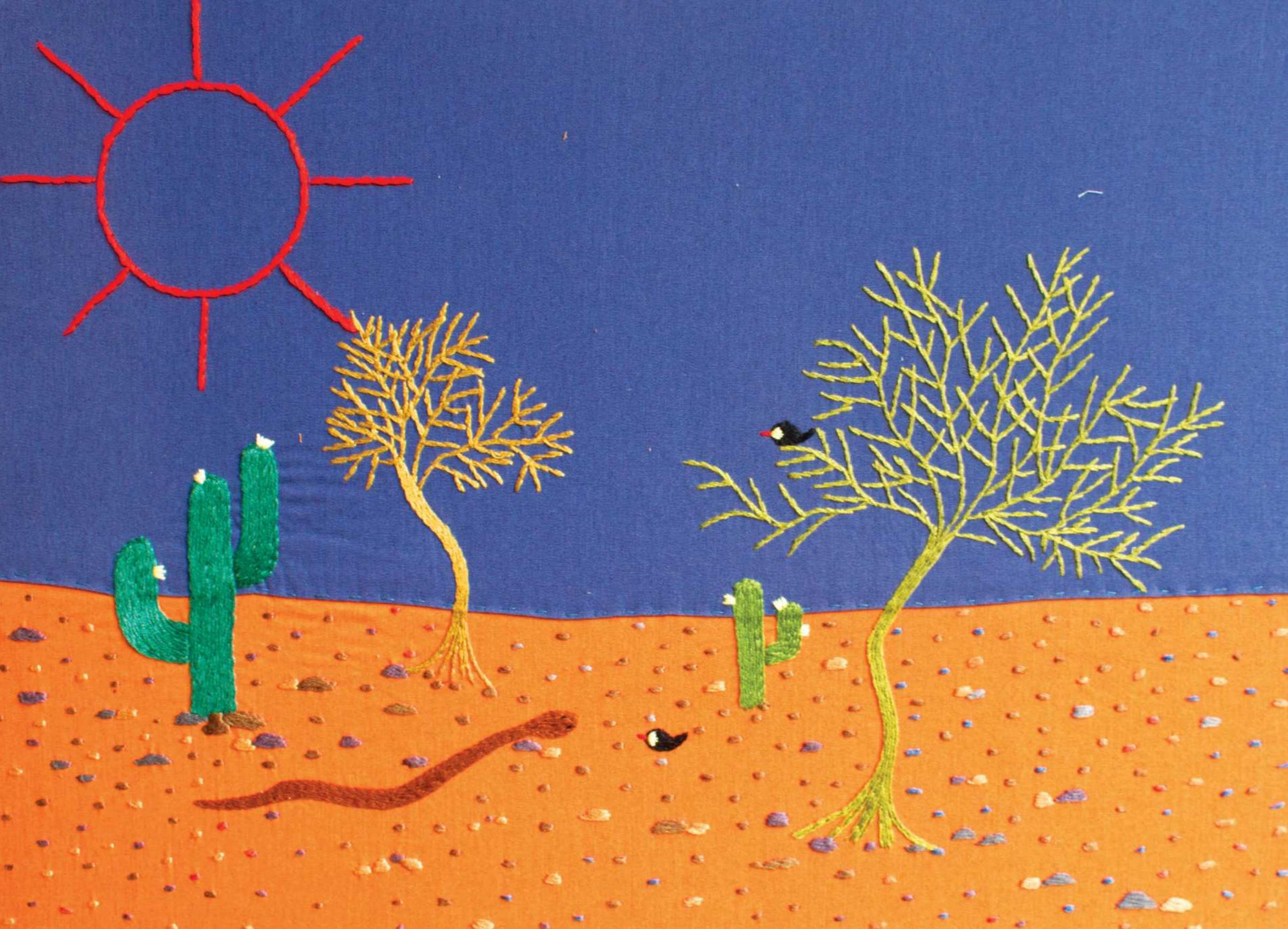
*Bordado Uirapuru: Lendas, Bordado livre, 2021.*



Voz e violão: Nice Luz

Acordeon: Rubens Nunes Pires

Percussão: Matheus Santos



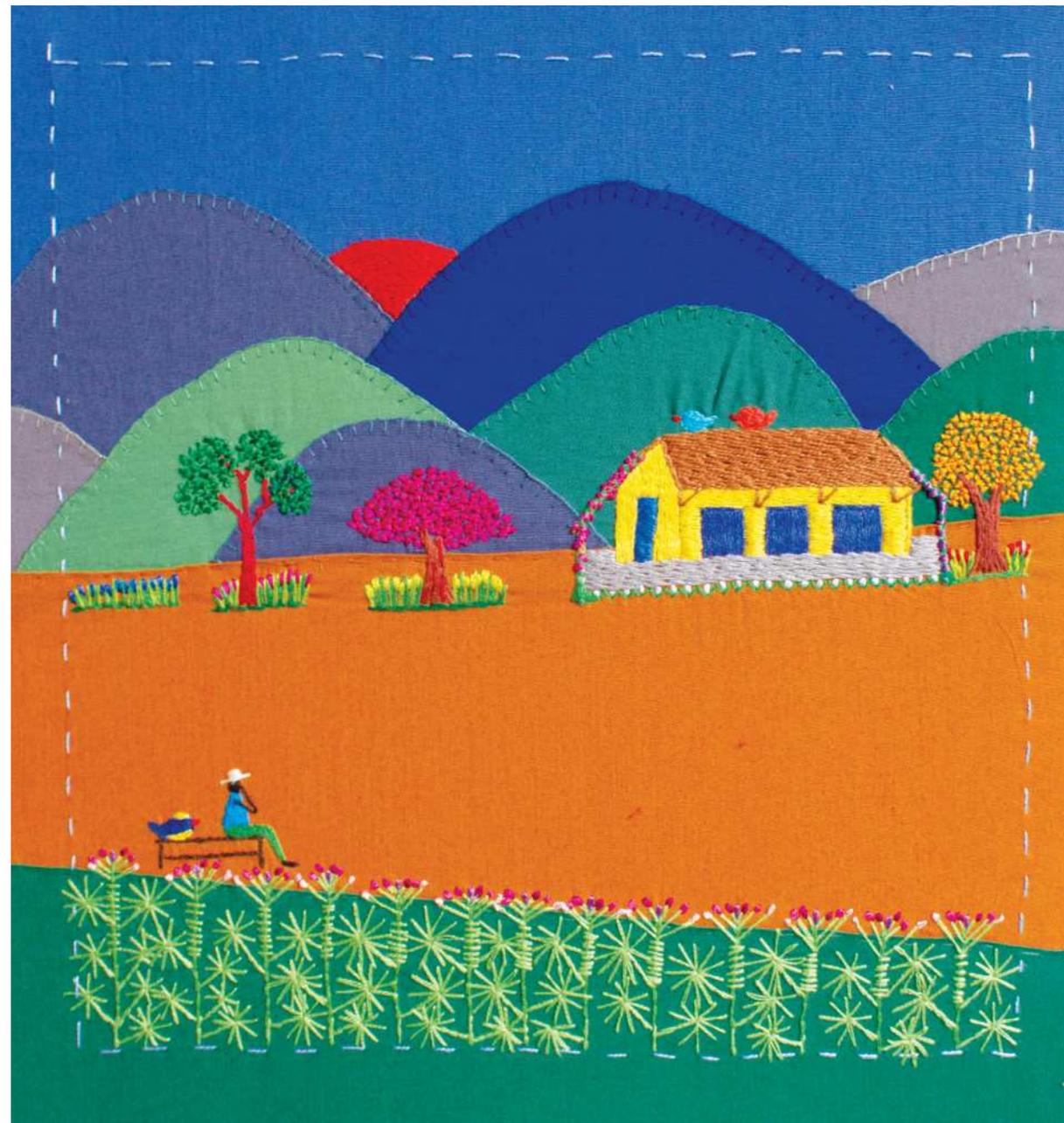
## Distâncias

Do olho da ingazeira já vi muito cabra macho barrufando o massapê do terreiro, choramingando amor perdido. Quando bate a falta do vulto, que é repouso, e dos gestos, que enchem as vagas horas da noite, não tem nada que segure o chororô. A mim, me cabe, não de ofício mas de natureza, entoar meu canto e fazer o cabra transcender a ausência que se fez estirão de estrada. Mas há distâncias difíceis de percorrer: são as medidas em tempo. Por isto, há vezes que meu canto é “vem vem”; noutras, “fim fim”. É como as paixões que formam ondas e findam para renascermem.

Epitácio Macário



Voz e violão: Nice Luz  
Acordeon: Rubens Nunes Pires  
Percussão: Matheus Santos



## Veredas

A vida faz-se de estradas depois que a paixão transborda. Razões se esfumam na algazarra das curucas e do orgulho nem se sabe. Pois, quando o gostar encrua, o amante é servo voluntário: não se prostra, presta-se e perambula ao léu sob o triste canto da juriti; rasteja e suplica os afagos de um colo, que pode ser gaiola, que pode ser prisão. Recanto feliz, porém, para onde ele vaga embalado pelos alegres Tiês em concerto da flauta transversa do Sabiá. O Azulão é o veludo dos olhos dela cobrindo o horizonte; Bacuri é abrigo e tempero agridoce das horas gris. Quando a paixão transborda, as veredas da terra são as cordas do coração desaguando de junto da mulher amada, mesmo quando ela desfeiteia e zomba. Não tem mezinha que remedeie o furor do desejo.

Epitácio Macário



Voz e violão: Nice Luz  
Acordeon: Rubens Nunes Pires  
Percussão: Matheus Santos



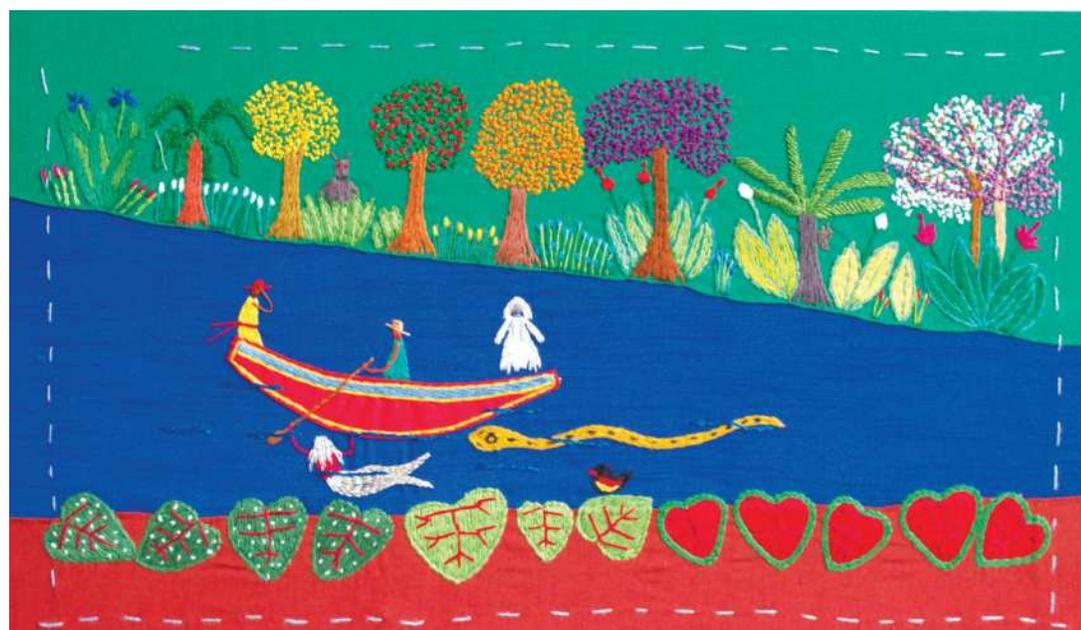
## O som da alma

As pás dos remos rompiam a planura da água e espasmavam pingos coloridos de sol. Na proa, a mulher sentia o açoite da brisa e dos aromas tantos de floresta e ribanceiras, como das pabulagens do caboclo remador. Foi por ele que o rio a levou ao seu interior: de sertões e tempos pretéritos, sequecer vividos; de amores trágicos que rebrotam nas folhas gêmeas do Tajá, nas lamúrias do Jutaí em noites de lua e no canto do Uirapuru. Ah, como ela sorveu a pulsão bruta e delicada dos aromas e forças que acalentam a alma e abraçam a natureza! Conhecera, assim, o cântico dos cânticos da floresta que evoca paz e harmoniza paixão e serenidade. É o canto da alma que canta o Uirapuru.

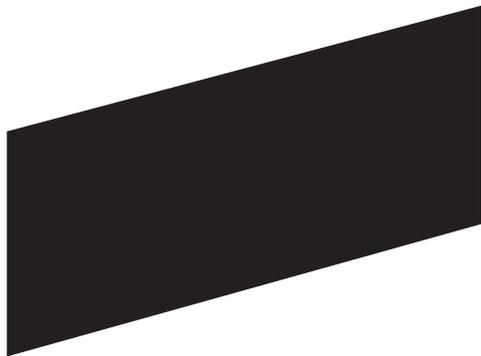
Epitácio Macário



Voz e violão: Nice Luz



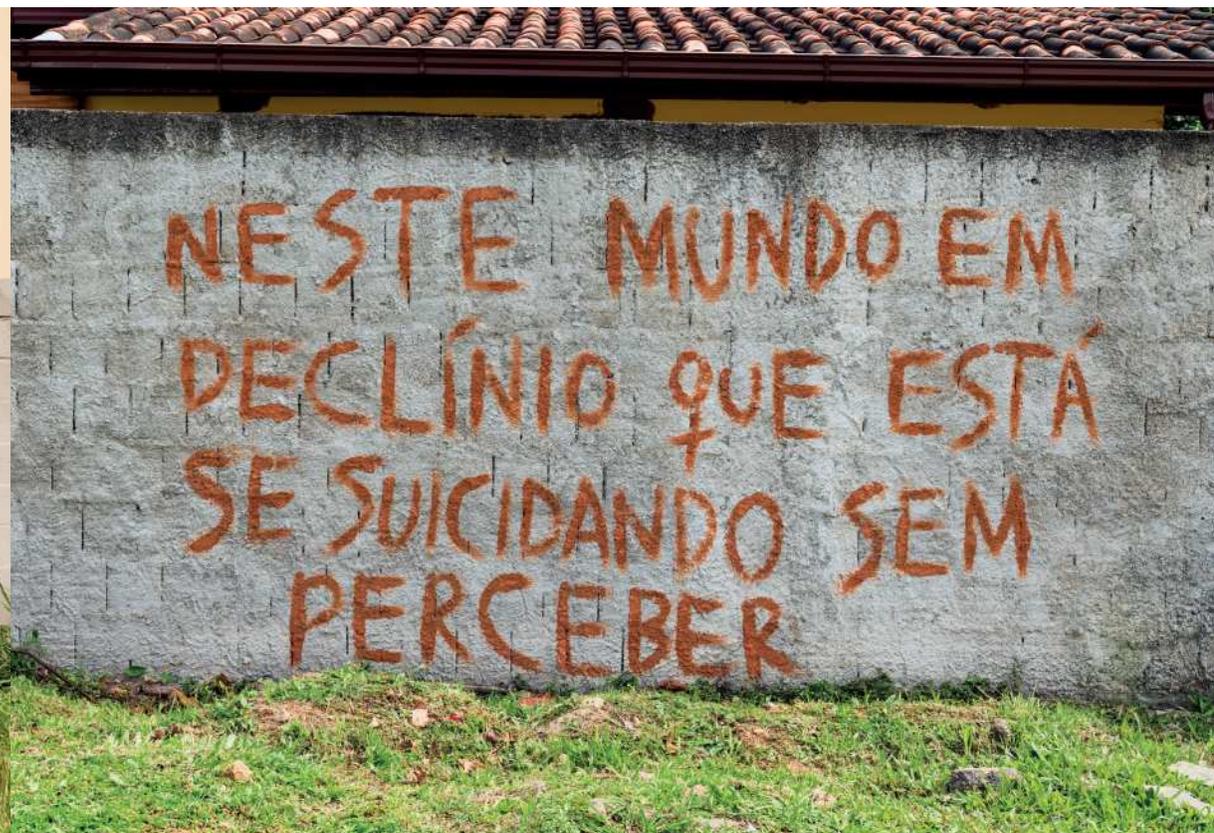
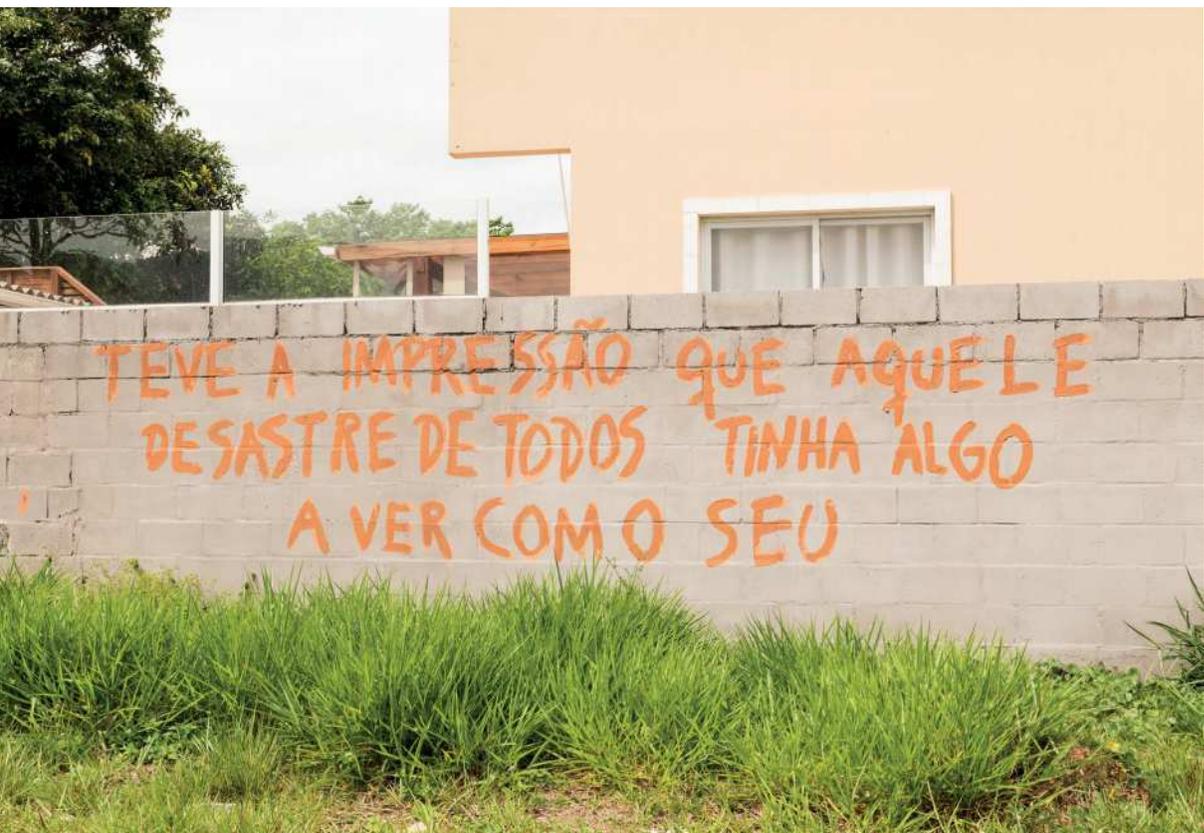


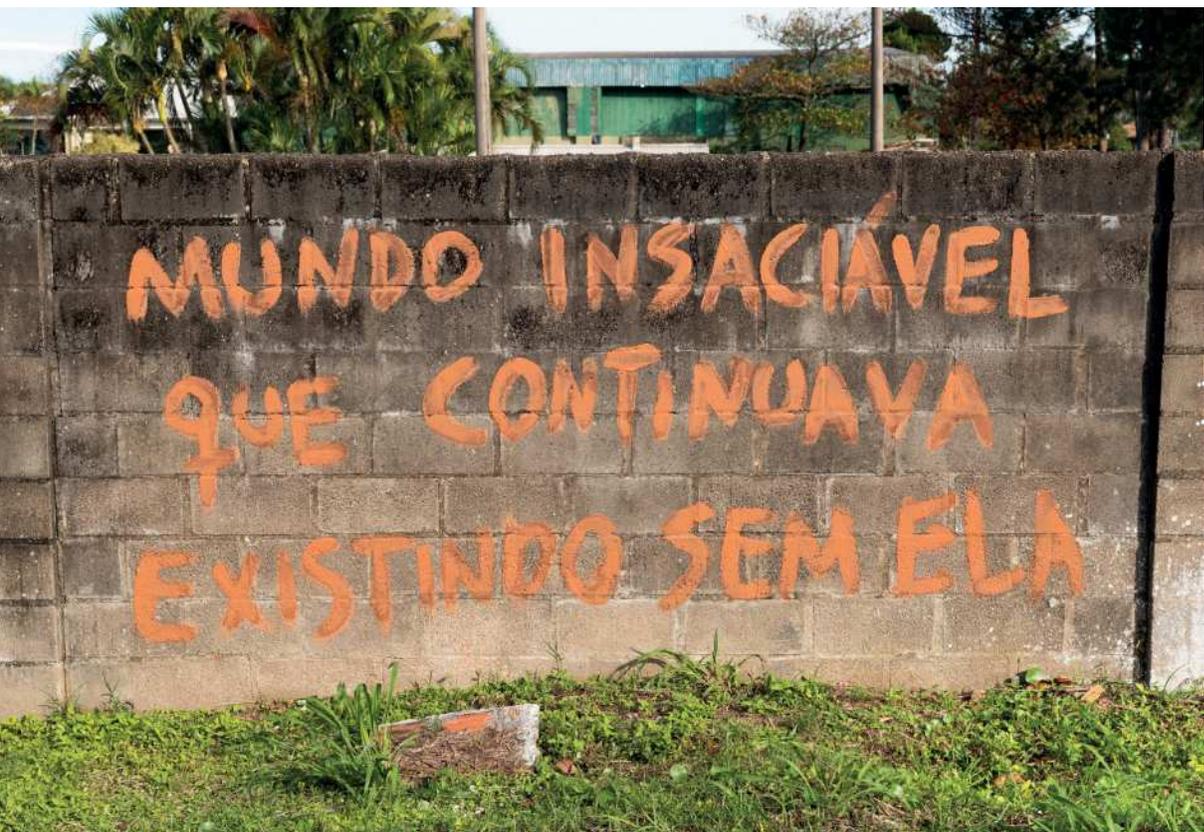


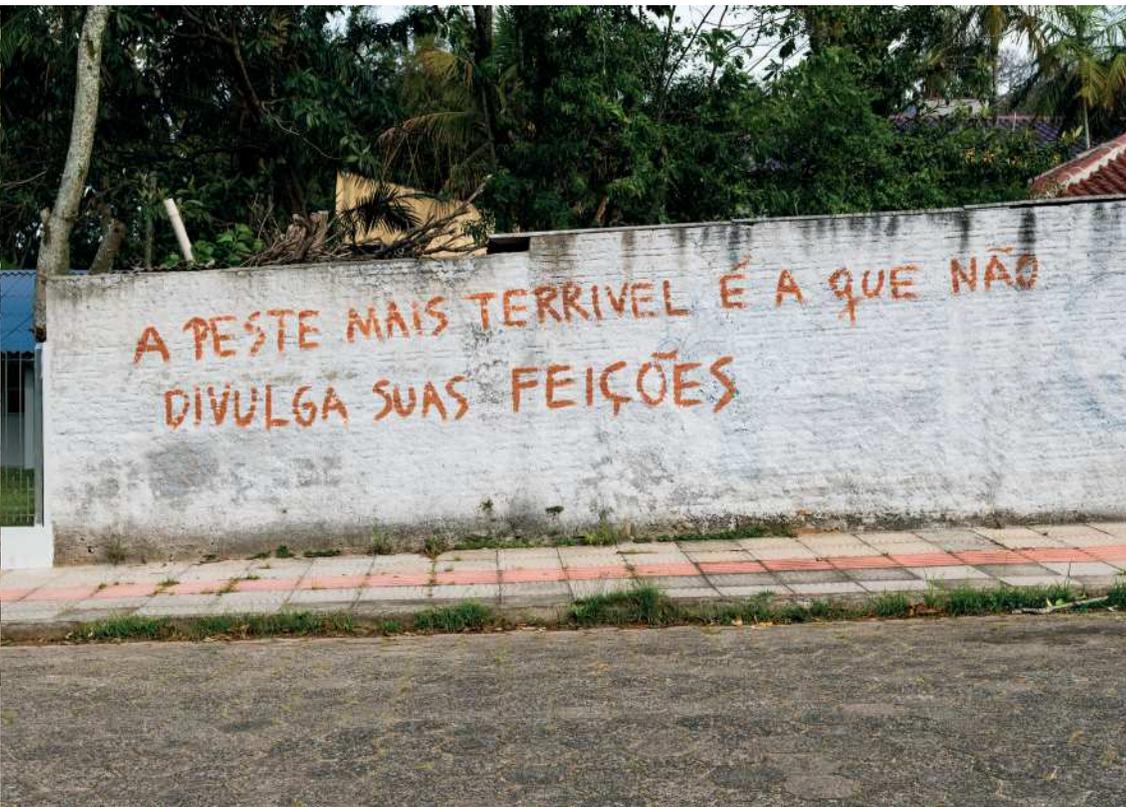
**Ruchita**

Excertos / Excessos | Vídeo 5'27"e 9 fotografias dimensões variáveis | 2021.

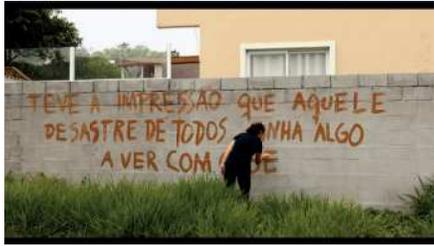
Se sentia com ânimo de sobreviver ao esquecimento | Vídeo-performance, 1h 7'15" | 2021.

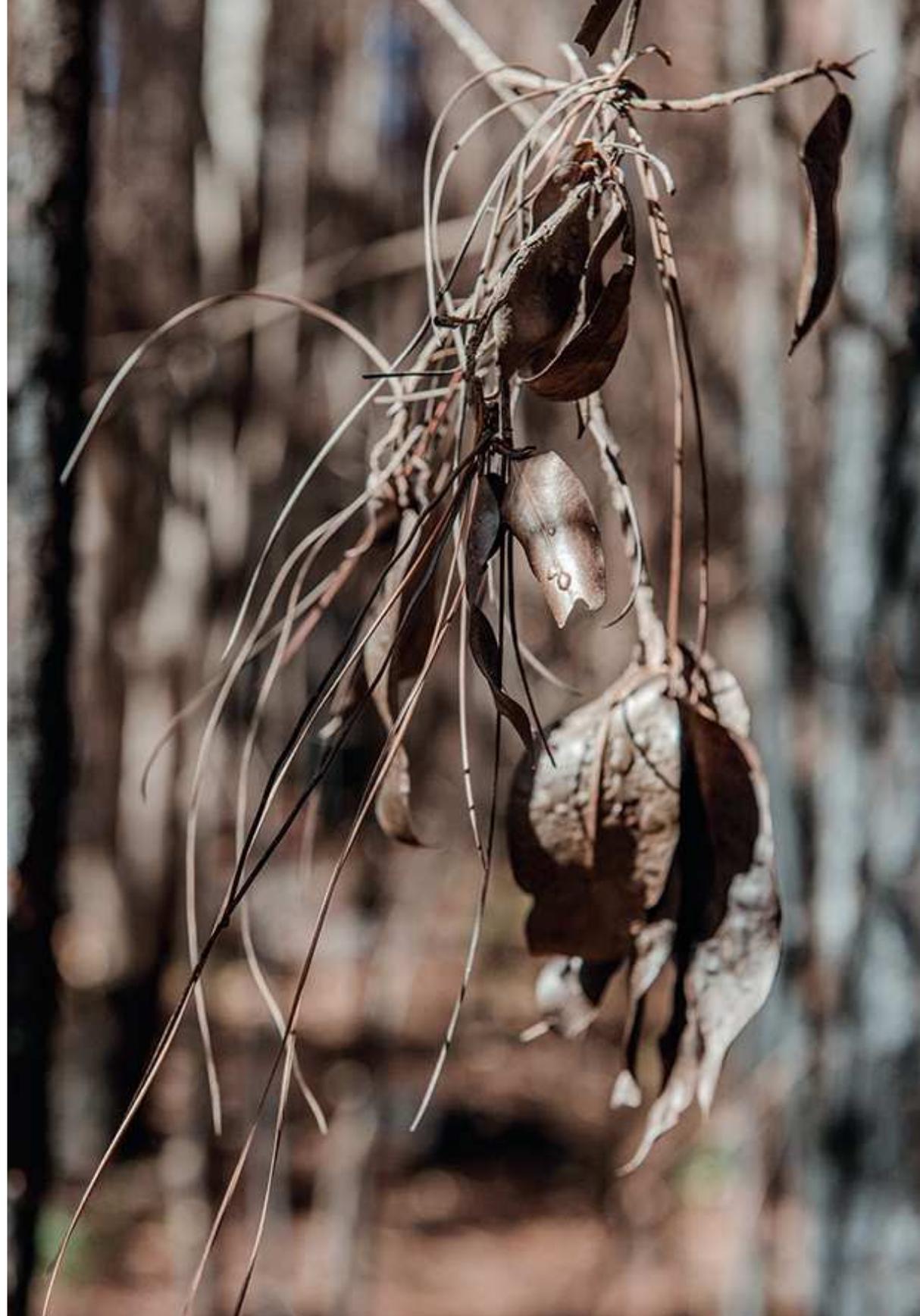








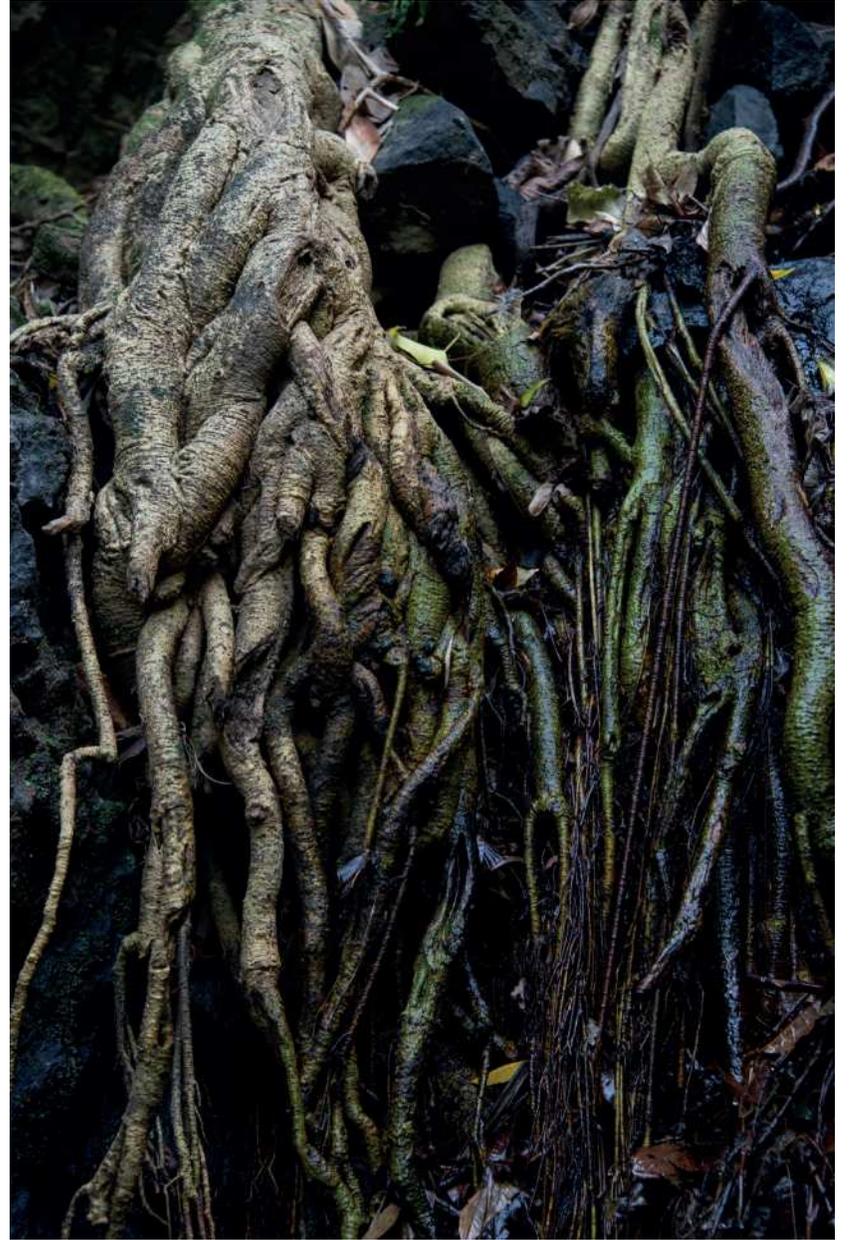




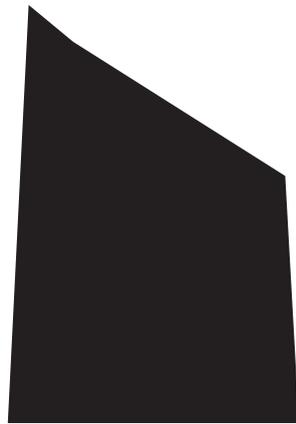












ROUPA  
SUJA DE  
LAMA  
SE LAVA  
ONDE?

**SOMOS  
TODES  
MARINHEIRES  
DE ÁGUAS  
CONFUSAS**

**ÁGUAS  
PASSADAS  
RASURAM  
DESTINOS**

## Lama

A lama de todos invadiu o nosso espaço  
Abriu trilhas por territórios conhecidos  
Rasgou a paisagem.

Arrastou carros, destruiu cômodos, transformou em  
dejetos as memórias de existências que se encon-  
travam amalgamadas em objetos, em paredes, em  
espaços vazios.

A lama destruiu a ilusória tranquilidade dos lugares em  
que edificamos nossas vidas  
Impregnou-se no solo e criou crostas em nossas al-  
mas.

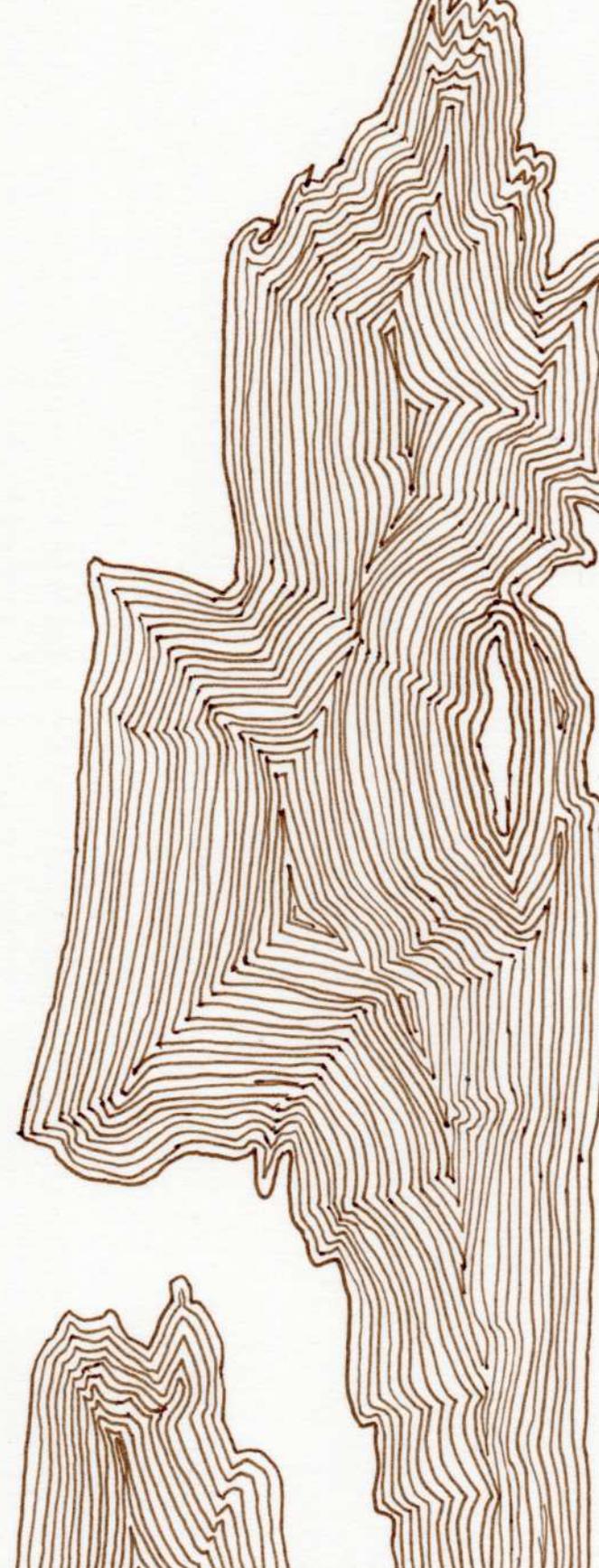
Difícil nos livrarmos dessa lama  
Sua cor e a violência com que se espalhou por nossas  
existências ainda fede.

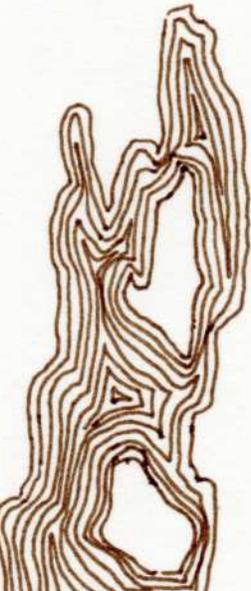
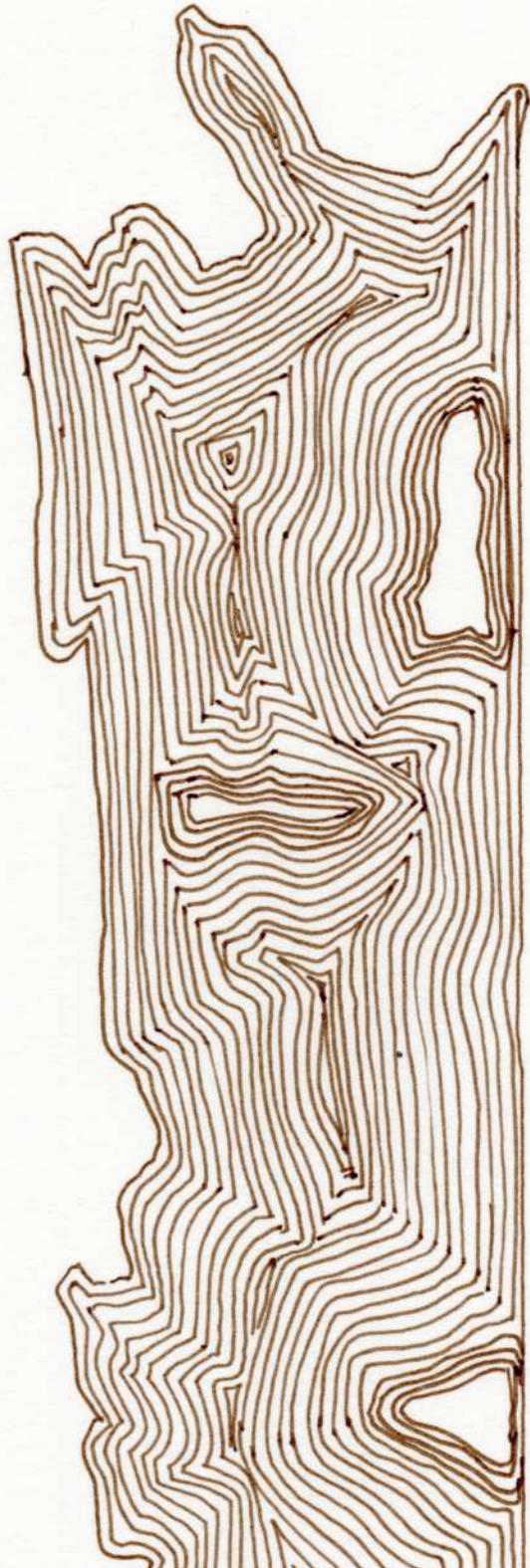
O som do rompimento que a permitiu transbordar ain-  
da ecoa em nossos ouvidos.

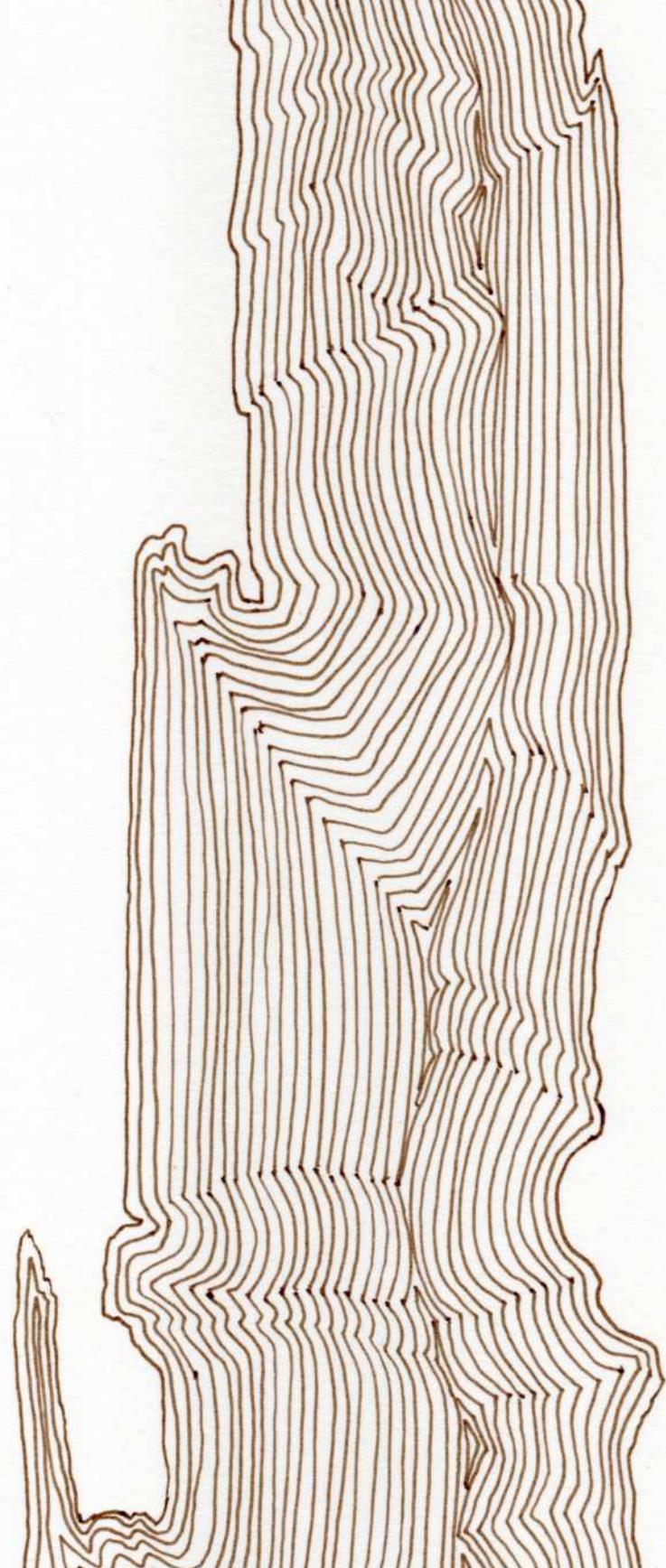
A lama produzida por todos invadiu as nossas casas,  
produziu feridas em nossos corpos.

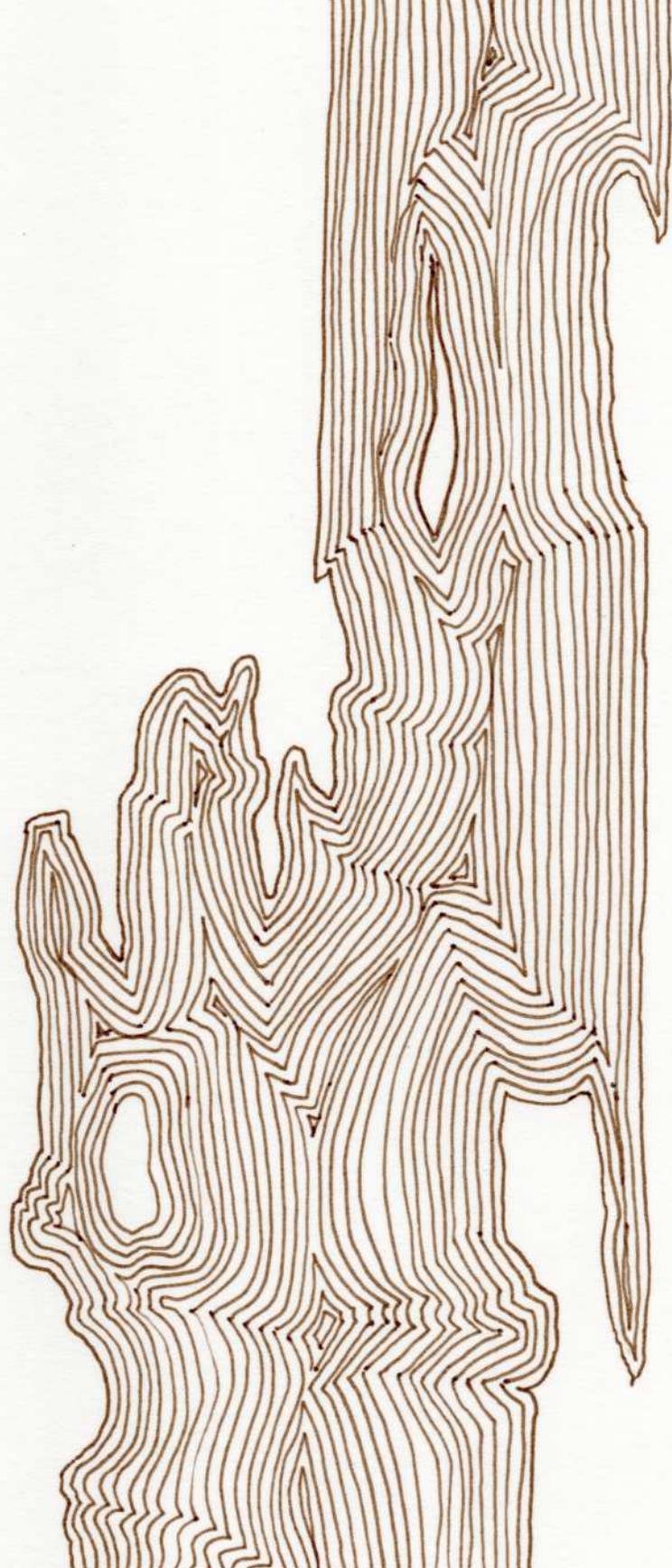
Não sabemos se e quando irão cicatrizar essas feridas  
do corpo e da alma.

A lama enlameou nossas vidas  
A lama de todos nos invadiu.

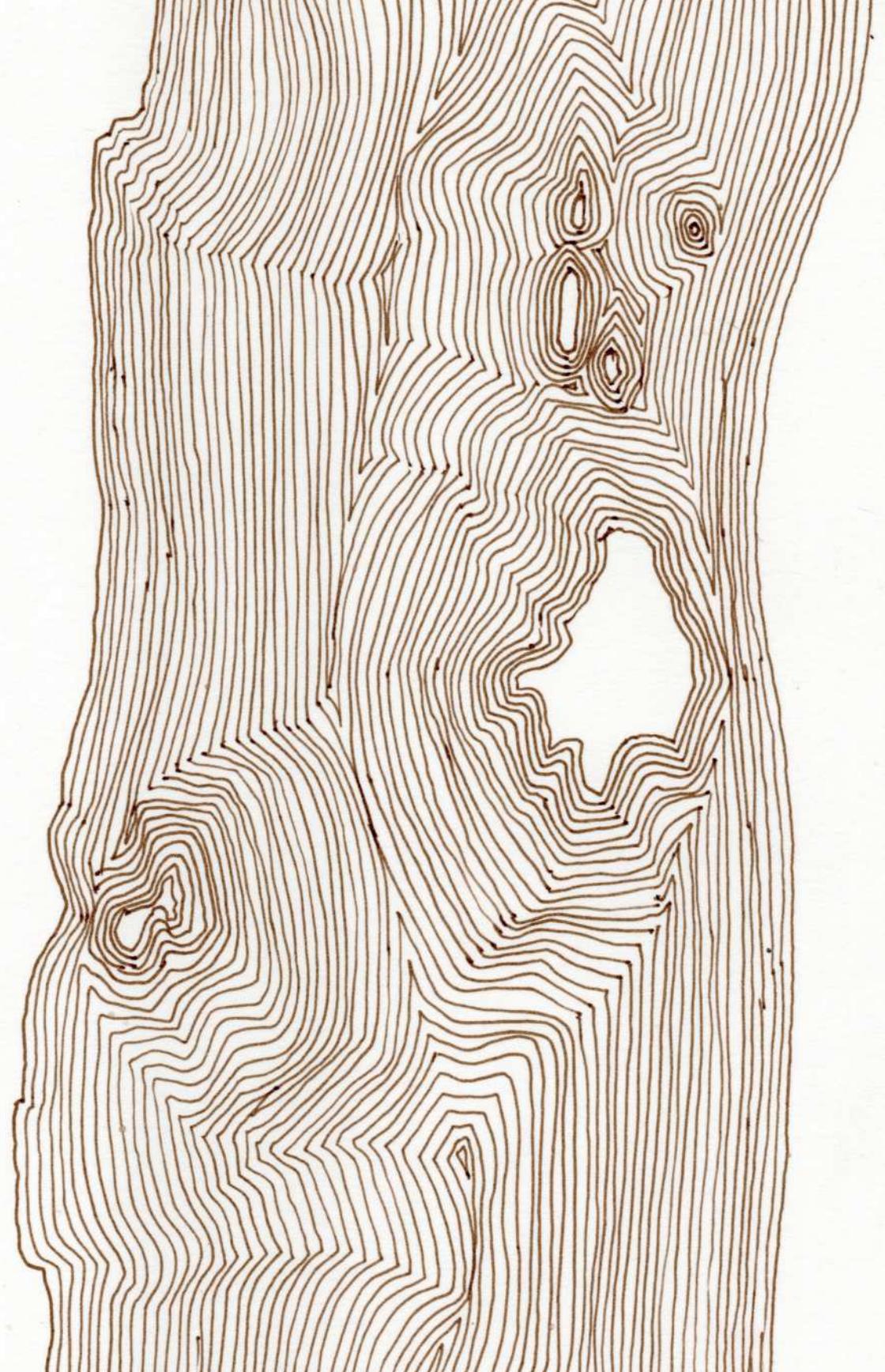














palavras, frases e signos imprevistos. Aqui, Juliana Hoffmann refaz o procedimento. Para este trabalho, o texto escolhido foi o conto “O Poço e o Pêndulo”, de Edgar Allan Poe. Das páginas, colocadas contra a luz, restam legíveis poucas palavras e trechos de frases, compondo um quase-poema abstrato. Cada significante carrega a essência do conto ao mesmo tempo em que se abre a outros sentidos e reflexões a partir de um procedimento que se vale do acaso como método que conduz ao encontro com belezas inesperadas em lacunas para a sensibilidade e a intuição.

Juliana Hoffmann é natural de Concórdia (SC), reside e trabalha na capital catarinense. Formou-se em Engenharia Civil, abandonando essa carreira após breve atuação para se dedicar à arte. Realizou diversas mostras individuais em espaços expositivos, como o Museu de Arte de Santa Catarina (1991 e 2004), Museu Histórico de Santa Catarina (2008) e Fundação Cultural Badesc (2017). Em 2015 ganhou o Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea, com residência artística na Cité Internationale des Arts, em Paris. Os projetos coletivos incluem participações em salões de arte em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 2017 e 2019 integrou a Bienal Internacional de Curitiba. Participou de simpósios internacionais de arte, como “Paint-a-Future (França/2007), “No Boundaries” (EUA/2008), “Sianoja”- (Espanha/2016), “LA-F” (França/2018), “Art Circle” (Eslovênia/2019) e “Soria.Arte” (Espanha/2021).

## LUCAS REITZ

### NOTAS PARA UM ATLAS TORPORGRÁFICO

Neste trabalho, o artista investiga a criação e a tradução do conceito de “topografia” em imagens, palavras e objetos. Como uma coleção de vestígios para a construção de um atlas imaginário, reúne um espectro variado de visualidades para diagramar uma geografia do trauma e do prazer inscrita no corpo, traduzindo-as em verbete, relato, fórmula química, fotografia, mapa e manipulação, e digitalização de objetos. As notas reunidas são, ao mesmo tempo, um mergulho na experiência individual da homossexualidade masculina e os objetos que a circundam, e o ensaio de um não método para uma coleção fragmentária.

Lucas Reitz é arquiteto e urbanista, trabalha nas interfaces entre paisagem e cidade, a memória e a linguagem em múltiplos suportes e meios. Sua pesquisa parte de discussões da teoria queer, ecologia, corpo e debate descolonial na história e produção de registros imagéticos, utilizando procedimentos de tradução e remix entre imagem, vídeo e palavra como modo de materialização.

## LUCIANA PETRELLI

### OS SONS DA TERRA ATRAVESSAM CORPOS E CRIAM CANÇÕES

Este é um trabalho em processo. Seu início se deu durante a pandemia, em estado de quietude. Foram dias, depois semanas e meses, até que

a artista passou a viver um tempo suspenso entre a saudade e o medo dos contatos. Perder a possibilidade do afeto humano direto fez parte desse tempo, em que se sentiu diluir sem reconhecer o tempo como objeto de resultados. Foram momentos de encantamento, outros de tristezas. O isolamento trouxe uma nova percepção sobre ser e estar, a natureza passou a significar saúde e manutenção, enquanto o contato humano e físico se tornou sinônimo de perigo. Neste estado, Luciana Petrelli reconheceu as estações e suas transformações, luz e sombra fizeram parte da rotina, e os objetos vieram trazer à memória sua história pessoal. Entre os movimentos naturais externos e a vida cotidiana, aconteceu o movimento corporal integrado aos sentidos generosos da natureza, que vive lentamente nascendo e morrendo, independentemente de nós. Os sons da terra atravessam corpos e criam canções.

Luciana Petrelli pesquisa e trabalha com fotografia contemporânea desde os anos 1980. Fez parte da geração de fotógrafos da Funarte, no Rio de Janeiro, e depois em Curitiba. Trabalhou documentando a cena cultural dessas cidades, participando ativamente de exposições coletivas e individuais. Em 1983, foi a Cuba, onde participou do 1º Colóquio de Fotografias como convidada da Funarte. Atualmente, faz parte do coletivo 7Mulheres, atuando diretamente na pesquisa e nos editais de fotografia.

## MAÍRA SPANGHERO

### REJUNTE

Até onde se sabe, foi por volta de 1693 que a palavra “trauma” foi grafada pela primeira vez para designar uma experiência que nos deixa uma marca profunda e duradoura. Uma das referências mais antigas é o mito de Medusa, cujo olhar petrifica aquele que a mira nos olhos. De origem grega, a palavra “trauma” designa ferida, avaria, derrota, desastre. É como se você fosse um prato que espatifou no chão. Para Peter Levine, criador da “Experiência Somática”, o trauma é uma voz sem palavras, cuja fisiologia represada pode vir a ser liberada, retomando o fluir da vida.

Maíra Spanghero é professora, pesquisadora, psicóloga e artista do corpo. Docente da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia desde 2010. Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica, pela PUC/SP. Publicou “A dança dos encéfalos acesos” (São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003) e “A justiceira do Agreste” (Salvador: Sociedade da Prensa, 2014).

## OLINDA EVANGELISTA

### PASSARIM, CANTA PRA MIM!

O projeto Passarim, canta pra mim! foi desenvolvido com base em quatro composições de nosso cancionista, nas quais os passarinhos

exercem importante papel. Expressando a luta do povo contra a fome (“Carcará”, de João do Vale, 1965), o amor não correspondido (“Estrada do sertão”, de João Pernambuco e Hermínio Bello de Carvalho, 2005), a saudade (“Roendo unha”, de Luiz Ramalho, 1976), ou a boa sorte (“Uirapuru”, Waldemar Henrique, 1975), os passarinhos testemunham as agruras humanas, trazem notícias e compartilham alegrias. Sobre essas canções e a releitura feita nos bordados da artista, Epitácio Macário produziu seus textos. As músicas podem ser ouvidas na voz de Nice Luz, por meio do QRCode. Rita Isabel Vaz respondeu pelas fotos.

Olinda Evangelista é professora aposentada da UFSC, mestre e doutora em Educação. Militante renhida em defesa da escola pública brasileira e bordadeira, publicou livros e participou de exposições de bordados. Seus bordados são uma forma de “escapar para dentro”.

## RUCHITA

### EXCERTOS / EXCESSOS

Neste trabalho, a artista se apropria de excertos retirados de diversas obras literárias e os reescreve, sincronizando-os com a atualidade, revelando que os sentimentos elaborados no passado nos apreendem ainda no agora, fixando nas paredes as marcas deixadas no passado e provocando inquietação em quem passa. Assim, Ruchita questiona quais cicatrizes vão permanecer deste intervalo pandêmico recente. Os excertos deslocados do contexto original têm em comum o excesso de presente, são devastados pelo medo, pelas perdas, pela morte e pelo autoritarismo, que aniquilam a existência de tempos em tempos. Muros da cidade revelam as citações do passado expostas às intempéries, mostrando que impermanecer é também resistir.

### SE SENTIA COM ÂNIMO DE SOBREVIVER AO ESQUECIMENTO

“Se sentia com ânimo de sobreviver ao esquecimento”, uma frase retirada de “O amor nos tempos de cólera”, de Gabriel García Marquez, é repetida como um mantra na lida com o novo surto de contágio, a pandemia causada pelo coronavírus. O processo mecanizado sai da boca embolado, incerto do que ressoa, numa tentativa de sobreviver ao esquecimento, de sobreviver enquanto corpos são tratados como entulhos soterrados terra abaixo. Entulhos contaminados terra abaixo. Exaurida, carcaça adormecida ecoa...

Ruchita é artista multimídia dedicada a projetos que envolvem fotografia, instalações, vídeos e performances. Graduiu-se em Comunicação Audiovisual no International Fine Arts College de Miami. Realizou quatro exposições individuais em Santa Catarina entre 2017 e 2021. Nesse período, ainda participou de quatro coletivas no Brasil, três exposições no exterior e 21 festivais internacionais.

## SANDRA MEYER

### DOBRE O TEMPO

Em que se transforma um arquivo quando ele se inscreve no próprio corpo e esse corpo no ambiente? Um tutu de balé romântico saído de um conto de princesa, um par de penas que adornou a transmutação do cisne branco e uma túnica que transpareceu a pele da dançarina moderna foram acionados pela artista de agora. A bailarina remexeu no seu acervo de dança, cuidadosamente guardado, para permitir que ele fosse atuado pela impermanência do corpo e do espaço. Ela e a fotógrafa (Luciana Petrelli) embaralham temporalidades: das dobras do corpo aos cortes na paisagem. O arquivo dançado se abre, então, para um porvir.

Sandra Meyer é doutora em Artes, Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, é artista, professora e professora aposentada da Udesc. Organizou diversas publicações relacionadas à dança e às artes visuais. É co-coordenadora dos projetos Tubo de Ensaio e Corpo, Tempo e Movimento, bem como do acervo digital Mi-diateca da Dança. Preside o Instituto Meyer Filho.

## SANDRO CLEMES

### SAGRADA FAMÍLIA

Neste trabalho, o artista reúne as memórias auditivas de falas proferidas no cotidiano de sua pacata família cristã, revelando traços de racismo, homofobia, misoginia, violência doméstica, ignorância, sofrimento e solidão. Uma escrita insculpida, entalhada no espaço doméstico, e inscrita nos limites de duvidosas arestas morais, que denuncia como a instituição familiar, tão basilar na constituição de uma sociedade “sólida e justa” segundo a doutrina católica, pode ser disfuncional e represora em sua dinâmica. E Deus no comando.

Sandro Clemes é nascido em Florianópolis (SC), tem formação em Administração de Empresas, Design e Arquitetura. Desenvolve projetos de arqdesign, cenografia e cenotécnica teatral, expografia para mostras e eventos nos campos da arquitetura, design e artes performativas. Sua produção como artista visual tem como categorias centrais o tempo, a memória, o espaço e o corpo, abordadas por meio de processos de escrita, performance, criação de objetos e instalações.

## SIMONE BOBSIN

### [DES] SILÊNCIO

Este trabalho é uma experiência artística sobre o silêncio iniciada no começo da pandemia da Covid-19, uma proposição para pensar sobre o sentido do silêncio a partir da necessidade de uma pausa, um respiro no cotidiano frenético e de luto, abrindo caminho para a es-

cuta da paisagem sonora natural. A pesquisa envolve desdobramentos em performance, vídeo, texto, áudio, entrevista, biblioteca do silêncio e adiciona camadas digitais para além da publicação impressa, propondo um convite a outras experiências no espaço virtual. Fica a pergunta: Qual o seu silêncio?

Nascida em Caxias do Sul (RS), é jornalista, editora e publisher no ArqSC. Há mais de duas décadas, atua no segmento de arquitetura e design, em diferentes mídias, em Santa Catarina. No campo da arte, desenvolve projetos coletivos, tendo como interesse as relações entre a paisagem construída e natural, e pesquisas que envolvam temas sobre corpo e tempo.

## **VERA TORRES**

### **COREOGRAFIA DE PAPEL**

Como dar forma à auto-observação do fluxo de pensamentos e afetos vivenciados no contexto de um isolamento forçado, com a perda do convívio com outras pessoas e a presença do luto em diversos níveis e modos? Como transformar movimentos de dança em um produto impresso? Essas foram algumas das questões que mobilizaram a criação destas 44 imagens que deixam transparecer o desejo de se ver à distância estando em si. Em meio a quedas e “tomadas de assento”, a artista encontra não apenas um “eu”, mas talvez muitas e muitos, que habitaram e habitam esse “vazio”, esse lugar entre paredes, telas e janelas em um convívio profundo consigo mesma.

#### *Ficha Técnica*

Concepção, pesquisa, direção e interpretação: Vera Torres  
Assistência de direção e preparação corporal: Diana Gilardenghi  
Cenário e figurino: Vera Torres  
Captação de imagens em vídeo: Diana Gilardenghi  
Fotografia: Vera Torres  
Tratamento de imagem: Kamilla Nunes  
Agradecimentos: Lucila Vilela, Juliano Lueders, Léia Espíndola e Sandra Meyer

Vera Torres é doutora em Estética, Ciências e Tecnologia das Artes: Teatro e Dança, e mestre em Artes: Dança, pela Universidade Paris 8, França. É professora aposentada da UFSC. Organizou diversas publicações relacionadas à dança e coordenou projetos como “Dança, Poesia em Movimento” e o ciclo de palestras e debates “Café com Dança”. É co-coordenadora da Semana da Dança UFSC, do projeto Tubo de Ensaio, e do acervo digital MEDIATECA da Dança.

### **Organização**

Kamilla Nunes

### **Autoras/es**

Andrea V Zanella  
Juliana Hoffmann  
Lucas Reitz  
Luciana Petrelli  
Lucy Montardo  
Maíra Spanghero  
Olinda Evangelista  
Ruchita  
Sandra Meyer  
Sandro Clemes  
Simone Bobsin  
Vera Torres

### **Colaboradoras/es**

Epitácio Macário  
Marcos Gorgatti  
Nice Luz  
Rita Isabel Vaz  
Diana Gilardenghi

### **Coordenação editorial**

Aline Natureza  
Kamilla Nunes

### **Projeto Gráfico e diagramação**

Kamilla Nunes

### **Revisão**

Aline Natureza

